



28 DE SETEMBRO DE 2015

Segunda-feira

- DISTRIBUIDORES DE AÇO PLANO ESPERAM ALTA DE PREÇOS PELAS USINAS A PARTIR DE OUTUBRO
- ARTIGO: LIVRE INICIATIVA E INOVAÇÃO EM UM ESTADO INTERVENTOR
- GRANDE CURITIBA E CAMPOS GERAIS "LEVAM" 90% DO PARANÁ COMPETITIVO
- PACOTAÇÃO DE RICHIA TEM VOTAÇÃO DECISIVA NESTA SEGUNDA-FEIRA
- BRASIL ANUNCIA META DE REDUZIR 43% DAS EMISSÕES DE GASES DO EFEITO ESTUFA ATÉ 2030
- ARTIGO: TRIBUTOS: LUTAR OU MORRER
- INDÚSTRIA ENFRENTA DIFÍCIL EQUILÍBRIO ENTRE ESTOQUE E PRODUÇÃO
- NOVO TOYOTA PRIUS CHEGA AO BRASIL EM DEZEMBRO
- BRASIL FECHA QUASE 1 MILHÃO DE VAGAS EM 12 MESES
- BANDEIRA TARIFÁRIA CONTINUARÁ VERMELHA EM OUTUBRO
- A REFORMA POLÍTICA E O PAPEL DO CONGRESSO NA ATUAL CRISE
- EMPRESAS BANCAM 2/3 DAS DOAÇÕES DE PT, PSDB E PMDB
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA CAI 2,9% EM SETEMBRO E RENOVA MÍNIMA HISTÓRICA
- LAGARDE DIZ QUE FMI DEVE REDUZIR PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO GLOBAL, SEGUNDO JORNAL
- HORIZONTE COMPRA PROJETO DE NÍQUEL DA GLENCORE NO BRASIL POR US\$8 MI
- FUNCIONÁRIOS E FORNECEDOR DA VOLKS ALERTARAM SOBRE FRAUDES, DIZEM JORNAIS ALEMÃES.
- SUZUKI VENDE SUA PARTICIPAÇÃO NA VOLKSWAGEN PARA A PORSCHE

- ECONOMISTAS ELEVAM DE NOVO PROJEÇÃO DE JUROS EM 2016 E VEEM QUEDA DO PIB DE 1%
- MAIS DE 2 MI DE VEÍCULOS DA AUDI TAMBÉM FORAM MANIPULADOS
- SUÍÇA INVESTIGA SETE BANCOS POR ACORDO NO PREÇO DOS METAIS
- BCE SUSPENDE COMPRA DE BÔNUS EMITIDOS PELA VOLKSWAGEN
- NOVO PRESIDENTE DA VW GARANTE QUE ESCÂNDALO SERÁ ESCLARECIDO
- ESPAÑA PEDE QUE VOLKS DEVOLVA SUBSÍDIO PARA VEÍCULOS LIMPOS
- SUÍÇA PROÍBE VENDA DE CARROS DA VOLKS QUE ENGANAM TESTES
- PEDIDOS DE FALÊNCIA DEVEM TER MAIOR ALTA EM 10 ANOS
- EM CRISE, INDÚSTRIA BUSCA PRODUTIVIDADE
- APÓS ESCÂNDALO DE POLUIÇÃO EX-CHEFE DA VOLKS É INVESTIGADO POR FRAUDE
- COM DEMISSÕES, CLASSE MÉDIA RECORRE MAIS A TRABALHO AUTÔNOMO
- ANÁLISE DE PERFIL DO INVESTIDOR COÍBE MAUS CONSELHOS
- EXPLORANDO O FUTURO DE MENTES E MÁQUINAS – PARTE 1
- EXPLORANDO O FUTURO DE MENTES E MÁQUINAS – PARTE 2
- INDÚSTRIA DE ALUMÍNIO VIVE PIOR FASE EM 30 ANOS
- MINÉRIO DE FERRO RECUA NA CHINA COM MENOR DEMANDA DE SIDERÚRGICAS
- SERVIDORES DO DETRAN ANUNCIAM PARALISAÇÃO PARA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA
- OSG SULAMERICANA PREVÊ ALTA NO FATURAMENTO EM 2015

CÂMBIO		
EM 28/09/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,996	3,997
Euro	4,489	4,491

Fonte: BACEN

Distribuidores de aço plano esperam alta de preços pelas usinas a partir de outubro

28/09/2015 – Fonte: CIMM

O Instituto Nacional dos Distribuidores Aço (Inda) espera que as siderúrgicas no Brasil comuniquem aumentos de preços de 7 a 10% a partir de 1º de outubro, com base em um cenário restritivo para importações e apesar da paralisia do mercado interno, disse o presidente da entidade, Carlos Loureiro, nesta quinta-feira (24).

Segundo Loureiro, os preços praticados atualmente pelas usinas siderúrgicas no país estão exibindo "prêmios negativos" para todas as linhas de produtos, com a bobina a quente com preços no mercado interno com prêmio 10 a 12% negativo em relação ao material importado.

"Com o dólar do jeito que está, espaço para reajuste existe (...). O reajuste deve sair, mas não de uma vez", disse Loureiro.

"Hoje está muito difícil importar e os bancos praticamente cortaram as linhas de crédito aos importadores (...) A grande dificuldade que as usinas tinham para reajustar sempre foi o material importado", acrescentou.

Segundo o Inda, as importações de aço plano em agosto caíram 36% sobre julho e 48% sobre o mesmo mês do ano passado, a 95,2 mil toneladas.

No acumulado do ano, as importações mostram queda de 8,8% sobre um ano antes, a 1,350 milhão de toneladas.

Loureiro afirmou que importadores que acertaram embarques meses atrás agora estão recusando receber o material.

Apesar da queda, os distribuidores seguem com níveis elevados de estoques, a 982,4 mil toneladas, encerrando o mês passado com volume suficiente para 3,9 meses de vendas quando a média histórica é de 2,5 e 2,8 meses.

Nas últimas duas semanas rumores no mercado apontaram para comunicados contidos de reajustes de preços pelas usinas siderúrgicas junto aos distribuidores.

A Reuters ouviu uma série deles em São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, nos últimos dias mas nenhum confirmou recebimento de comunicações oficiais de reajuste.

Segundo Loureiro, a única empresa a ter comunicado oficialmente aumento de preços de aço planos, informado data de início de vigência, foi a ArcelorMittal, a partir de 1o de outubro.

Representantes da companhia não puderam ser contatados de imediato para comentar o assunto.

No início do mês, fontes afirmaram à Reuters que a Gerdau tinha reajustado seus preços de aços longos e planos a distribuidores, mas que não tinha sido acompanhada por siderúrgicas rivais como CSN e Usiminas.

Na outra ponta do mercado, a de compradores industriais como montadoras de veículos ou grandes fabricantes de máquinas e equipamentos, Loureiro, entretanto, vê dificuldade de reajuste de preços pelas usinas junto aos clientes com contratos de longo prazo justamente por causa da conjuntura de fraqueza econômica do país.

Segundo o Inda, o consumo aparente de aço plano no mercado interno brasileiro deve cair 20% este ano. Para o setor de distribuição, a expectativa é de queda nas vendas de mais de 22% ante às 4,543 milhões de toneladas comercializadas em 2014.

Em agosto, as vendas dos distribuidores foram as mais fracas para o mês desde 2006, a 254,4 mil toneladas, com todos os principais produtos acumulando quedas de dois dígitos sobre um ano antes.

Artigo: Livre iniciativa e inovação em um Estado interventor

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A livre iniciativa é um dos fundamentos da República brasileira, como valor social, ao lado do trabalho. A valorização do trabalho e a livre iniciativa são também fundamentos de nossa ordem econômica, sendo assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

Dessa forma, livre iniciativa e trabalho coexistem em harmonia, contribuindo para um ambiente de incentivo ao empreendedorismo e à inovação tecnológica, certo?

Errado. O Estado brasileiro sempre acha que deve meter o bedelho em todo tipo de assunto. E a maior parte da população brasileira mantém o infantil hábito de choramingar pela intervenção estatal, como se o Estado todo-poderoso fosse um pai, pronto para resolver os problemas de seus mimados rebentos.

Com essa visão deturpada, facilita-se o lobby de corporações e sindicatos junto aos poderes Executivo e Legislativo, esmagando inovações, impedindo a concorrência e mantendo o país eternamente deitado em berço esplêndido.

A sociedade brasileira precisa exigir que o Estado pare de atrapalhar. O Judiciário pode ser o fiel da balança, reafirmando a autonomia da vontade e impedindo que o Estado interfira excessivamente na vida privada.

O problema é a falta de uniformidade de entendimento entre os juízes e a velocidade com que a questão avança, uma vez que o Judiciário só se manifesta quando provocado e o STF, que detém a última palavra na interpretação da Constituição, costuma demorar anos, às vezes décadas, para finalmente proferir uma decisão.

O Estado brasileiro não pode enveredar pelo medieval caminho de reprimir e proibir as novas tecnologias, nem tampouco pretender regular tudo. A regulação inútil servirá apenas para criar taxas de fiscalizações que nunca virão e que ainda encarecerão o produto final ao consumidor.

A regulação estatal nem sequer se justifica em todos os casos. Na maior parte das vezes, nem mesmo como indutor do crescimento. A limitação de mercados com o patrocínio estatal, sem qualquer benefício público, fere a Constituição, que só admite a restrição da livre iniciativa quando o interesse público assim o justificar.

Por outro lado, não é possível deixar de notar o futuro materializando-se cada vez mais rápido. A incessante inovação tecnológica mundial significa uma excelente oportunidade para discutir os limites da regulação estatal e uma tomada de decisão por parte da sociedade brasileira, que precisa exigir que o Estado pare de atrapalhar.

É lamentável que o Brasil, com uma população tão criativa, ainda não produza aplicativos de alcance mundial e a classe política critique qualquer possibilidade de inovação com

base no mero temor pela perda de empregos, por exemplo. Empregos de maior qualidade podem ser criados com inovação tecnológica.

A inovação gera riquezas, gera competição. É preciso pensar além, com menos interferência e mais abertura.

(Renato Pacca, advogado, é especialista do Instituto Millenium).

Grande Curitiba e Campos Gerais "levam" 90% do Paraná Competitivo

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Quase 90% dos investimentos privados atraídos pelo programa Paraná Competitivo foram ou serão aplicados em cidades da Região Metropolitana de Curitiba e dos Campos Gerais. Os projetos de construção e ampliação de fábricas nessas regiões somam R\$ 22,1 bilhões, o equivalente a 89,3% do desembolso de R\$ 24,8 bilhões previsto para todo o estado.

[INFOGRÁFICO INTERATIVO: Confira como estão distribuídos os investimentos no Paraná Competitivo](#)

A participação das duas regiões no programa é muito superior a seu peso na economia paranaense. Conforme o dado mais recente, relativo a 2012, elas são responsáveis por 51,3% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual.

Em compensação, as outras oito regiões do estado, que concentram 48,7% do PIB, dividem apenas 8,3% dos investimentos, pouco menos de R\$ 2,1 bilhões. Empresas que respondem por 2,3% do desembolso total ainda não definiram onde vão se instalar.

Os números foram calculados pela **Gazeta do Povo** com base em uma lista de 203 projetos incluídos no regime de incentivos fiscais desde 2011, quando ele foi lançado pelo governo estadual. A relação, preparada pela Secretaria de Estado da Fazenda, abrange as empresas que aderiram até julho deste ano.

A fatia da Grande Curitiba, com 45% dos recursos, é semelhante à sua parcela na geração de riquezas do estado (45,5%). A concentração desproporcional de investimentos em apenas duas regiões do estado se deve, portanto, ao sucesso dos Campos Gerais.

A região, responsável por 5,9% do PIB paranaense, atraiu 44,3% dos investimentos anunciados desde 2011. De seus 14 municípios, nove têm projetos no Paraná Competitivo, dos ramos mais diversos.

Estão na lista cooperativas, madeireiras, fábricas de embalagens, de tubos de PVC, indústrias químicas, do setor automotivo e outras. Há companhias ampliando a produção, como a cervejaria Heineken, e também recém-chegadas, caso de sua concorrente Ambev.

Também está no rol a construção da fábrica de celulose da Klabin em Ortigueira, ao custo de R\$ 7 bilhões, o maior projeto em andamento no estado, e a ampliação da papeleira da empresa em Telêmaco Borba, estimada em R\$ 230 milhões. Mesmo excluindo esses dois empreendimentos da lista, a fatia dos Campos Gerais no Paraná Competitivo segue elevada, com 21,3% dos investimentos totais.

Motivos

Para Jandir Ferreira de Lima, professor e pesquisador de Desenvolvimento Regional da Unioeste, a ida de empresas para Ponta Grossa e arredores tem a ver com uma certa saturação na região de Curitiba.

E quem olha para o entorno da capital em busca de alternativas, diz Lima, nota que Ponta Grossa está relativamente próxima do Porto de Paranaguá e tem rodovia duplicada, um grande entroncamento ferroviário e mão de obra qualificada.

R\$ 47,3 bilhões

é o total de investimentos que o governo estadual atribui ao Paraná Competitivo. Além de contabilizar dos empreendimentos privados com benefícios fiscais, com o tempo o Palácio Iguazu passou a incluir na conta os investimentos de três estatais (Copel, Sanepar e Compagas), estimados em R\$ 16,6 bilhões entre 2011 e 2018, e R\$ 6 bilhões em empréstimos concedidos pelo BRDE e a Fomento Paraná a empreendimentos que não receberam incentivos tributários do programa.

Governo não revela valor do ICMS "adiado"

As empresas que aderem ao Paraná Competitivo conseguem adiar, por dois a oito anos, o pagamento de 10% a 90% do ICMS gerado pela ampliação de suas atividades.

Isso significa que o estado abre mão de arrecadar agora parte do ICMS para recebê-la no futuro. Mas a Secretaria da Fazenda não revela o tamanho dessa renúncia fiscal temporária.

A alegação é de que o cálculo é impossível. "Sem os incentivos não é possível afirmar que o investimento seria feito no estado, por causa da guerra fiscal", afirmou a secretaria, em nota. Segundo a pasta, de 2012 para cá as empresas enquadradas recolheram R\$ 283 milhões em ICMS.

"A meu ver, é tão importante a receita que ingressa nos cofres públicos quanto aquela que o governo, por opção, deixou de arrecadar", avalia Gil Castelo Branco, secretário-geral da ONG Contas Abertas.

"Essas informações deveriam ser transparentes. O cidadão comum tem de pagar cada vez mais impostos e a ele não é dada a oportunidade de postergar os pagamentos."

	Participação no PIB*	Participação no Paraná Competitivo
RMC**	45,5%	45,0%
Campos Gerais	5,9%	44,3%
Centro-Sul	2,8%	2,3%
Norte	17,3%	1,7%
Oeste	11,5%	1,1%
Noroeste	4,7%	1,0%
Sul	2,8%	0,9%
Centro-Oeste	2,5%	0,5%
Norte Pioneiro	3,3%	0,5%
Sudoeste	3,8%	0,3%
Não definida	-	2,3%

*Em 2012 **Inclui um empreendimento no Litoral

Programa não desconcentra a indústria

Ainda que o Paraná Competitivo tenha sido determinante para a atração de projetos ao Paraná, ele não foi capaz de desconcentrar a indústria estadual.

A maioria das empresas que aderiu ao programa escolheu regiões onde o setor é tradicional – a Grande Curitiba tem o maior parque fabril do estado e Ponta Grossa, o maior do interior.

A Secretaria da Fazenda argumenta que, nessas e em outras regiões, municípios antes esquecidos receberam investimentos, alguns de grande porte. Em Adrianópolis, no paupérrimo Vale do Ribeira, cimenteiras prometem investir pouco mais de R\$ 1,7 bilhão. Ortigueira, que tem o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado, assiste à construção de uma fábrica de celulose de R\$ 7 bilhões.

Ainda assim, é provável que, conforme os empreendimentos do Paraná Competitivo entrem em operação, as oito regiões que receberam menos investimentos percam participação na produção de riquezas do estado e, portanto, na divisão do bolo tributário.

“Sempre faltou ao Paraná uma política de desenvolvimento regional. Isso faz com que, em qualquer programa que busque atrair empresas, elas acabem se instalando na região de Curitiba, em Ponta Grossa ou então no entorno de Londrina e Maringá”, avalia Jandir Ferreira de Lima, professor e pesquisador de Desenvolvimento Regional da Unioeste.

Lima aponta que as regiões preferidas pelas empresas são as que têm – e provavelmente continuarão tendo – a melhor infraestrutura de transportes.

“O plano logístico do Paraná indica que as regiões de Curitiba e Ponta Grossa e o Norte do estado terão praticamente todas as principais rodovias duplicadas, o que não vai acontecer no restante do estado. Isso vai reforçar a concentração.”

Geração de empregos é mais disseminada

A geração de empregos vinculados ao Paraná Competitivo é mais disseminada que o volume de investimentos.

A Grande Curitiba e os Campos Gerais respondem, juntos, por 50,4 mil postos de trabalho, pouco mais da metade das 99 mil vagas que as empresas participantes prometem criar no estado. Na sequência, aparece o Oeste, com 14,4 mil, e o Norte, com 9,6 mil.

Os empreendimentos mais intensivos em mão de obra estão no Sudoeste, onde predominam projetos para a industrialização de alimentos. Embora a região vá receber apenas R\$ 75 milhões em investimentos, o total de empregos é de quase 7,9 mil – isto é, a cada R\$ 1 milhão investido, são geradas 105 vagas. Nos Campos Gerais, por outro lado, serão criados menos de dois postos de trabalho a cada milhão de reais.

No entanto, a lista de empreendimentos do programa tem algumas distorções. Em pelo menos dois casos, a geração de empregos está superestimada.

Conforme a relação, um investimento de R\$ 1,2 bilhão da fábrica de caminhões da Volvo geraria 4,1 mil empregos; na verdade, esse era o total de empregados na unidade na ocasião do anúncio.

A também curitibana WHB Fundições, com investimento de R\$ 256 milhões, preencheria 4 mil vagas. Mas, quando o empreendimento foi anunciado, em 2012, a agência de notícias do governo informava que a ampliação geraria 1,3 mil empregos.

Pacotaço de Richa tem votação decisiva nesta segunda-feira

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A Assembleia Legislativa do Paraná vota nesta segunda-feira (28), em segunda discussão, o polêmico “pacote anticrise” do governo do estado. Antes, porém, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) vai analisar as 44 emendas apresentadas ao texto e decidir quais chegarão ao plenário.

Lançado no dia 3 de setembro com propostas para driblar a crise econômica, o pacote foi construído basicamente para engordar os cofres do estado, que, até agosto, já registravam um superávit de R\$ 2 bilhões.

No total, a proposta engloba quase duas dezenas de medidas que vão de mudanças na cobrança de ICMS, IPVA e ITCMD – o imposto sobre heranças e doações – até alterações na Parana Previdência. O Executivo tem pressa para aprovar o projeto até quarta-feira (30), a tempo de que as mudanças tributárias já possam valer a partir de 1.º de janeiro.

Brasil anuncia meta de reduzir 43% das emissões de gases do efeito estufa até 2030

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



O Brasil anunciou, neste domingo (27), que reduzirá suas emissões de gases de efeito estufa em 37% até 2025 e 43% até 2030, mas a presidente Dilma Rousseff afirmou que o objetivo já inclui esforços realizados desde 2005 de combate ao desmatamento.

O anúncio de metas foi feito durante a Conferência das Nações Unidas para a Agenda de Desenvolvimento Pós-2015, em Nova York, afirmando que estas são tão ou mais ambiciosas que aquelas dos países mais desenvolvidos.

Durante seu discurso, a presidente destacou que os números serão levados à Conferência do Clima, em Paris, como compromisso assumido pelo governo brasileiro.

“A Conferência de Paris é uma oportunidade única para construirmos uma resposta comum para o desafio global de mudanças do clima. O Brasil tem feito grande esforço para reduzir as emissões de gás de efeito estufa, sem comprometer nosso desenvolvimento econômico e nossa inclusão social”.

Dilma também reafirmou o compromisso do país com o fim do desmatamento ilegal na Amazônia, como anunciado conjuntamente com o presidente norte-americano Barack Obama em junho, mas não declarou o fim do desmatamento em geral como esperado por alguns grupos ambientalistas.

Estimativas de pesquisadores brasileiros indicam que o desmatamento legal ainda pode ser realizado em uma área de cerca de 100 milhões de hectares, o equivalente ao tamanho da Colômbia.

Além disso, o Brasil pretende compensar o desmatamento regulado, mas a presidente não deu mais detalhes sobre o tema. O desmatamento no mundo responde por 15% das emissões de gases do efeito estufa globalmente, o equivalente ao que é emitido pelo setor de transportes. O Brasil é o país com a maior floresta tropical do mundo.

A presidente citou ainda o que chamou de objetivos ambiciosos para o setor energético, com destaque para a garantia de 45% de fontes renováveis no total da matriz energética.

No mundo, a média, segundo ela, é de 13%. Os demais anúncios feitos por Dilma incluem a participação de 66% de fonte hídrica na geração de eletricidade; a participação de 23% de fontes renováveis, eólica, solar e biomassa na geração de energia elétrica; o aumento de cerca de 10% na eficiência elétrica; e a participação de 16% de etanol carburante e demais fontes derivadas da cana-de-açúcar no total da matriz energética.

"As adaptações necessárias frente a mudança do clima estão sendo acompanhadas por transformações importantes nas áreas de uso da terra e florestas, agropecuária, energia, padrões de produção e consumo", disse. "O Brasil é um dos poucos países em desenvolvimento a assumir uma meta absoluta de redução de emissões. Temos uma das maiores populações e PIB (Produto Interno Bruto) do mundo e nossas metas são tão ou mais ambiciosas que aquelas dos países desenvolvidos", completou.

Artigo: Tributos: lutar ou morrer

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

"Os impostos têm limites naturais, além dos quais uma nação se deita para morrer ou se levanta para lutar" – oportunas palavras do filósofo e historiador francês Joseph E. Renan.

No Brasil, a carga tributária saltou de 21% para 35,4% do PIB desde 1985, início do mandato de Sarney. O consultor americano Walt Rostow complementa bem essa ideia, ao destacar que "só não podemos escapar da morte e dos impostos. E só a primeira não dá para piorar".

Trabalhamos cinco meses por ano para cumprir as obrigações tributárias com os fiscos federais, estaduais e municipais, o que representa quase o dobro em relação à década de 70. A indignação fica ainda maior ao serem somados cerca de dois meses se contratarmos serviços privados nas áreas de saúde, previdência, segurança e rodovias.

Resumo da ópera-bufa: trabalhamos sete meses para suprir as legítimas necessidades do Estado, suportando a ineficiência, a corrupção e a burocracia desse mesmo Leviatã. Só com os denominados "tributos invisíveis" – e cito apenas quatro –, o dispêndio anual dos contribuintes é insólito: planos de saúde (R\$ 180 bilhões), educação particular (R\$ 60 bilhões), segurança privada (R\$ 40 bilhões) e, desde 1996, a não correção das alíquotas do Imposto de Renda, que deveriam ser reajustadas em 68% (R\$ 35 bilhões).

O pouco que o governo fez foi uma suave lipoaspiração, enquanto o empresário e o trabalhador cortaram na carne.

Via de regra, no planeta Terra não se aplica tributo algum sobre a escola privada, pois entende-se que está desonerando o Estado. No Brasil, ao contrário, o pai é triplamente penalizado ao não conseguir escolas públicas de qualidade.

Se matricular o filho numa escola particular, um terço do boleto será destinado ao fisco na forma de tributos, e pouco do valor da anuidade pode ser abatido do Imposto de Renda. Sem esses encargos, uma mensalidade de R\$ 1 mil poderia ser reduzida a R\$ 666, com a mesma qualidade de ensino.

Neste sentido, um belo exemplo é o Prouni, no qual a renúncia fiscal do governo permitiu, nos últimos dez anos, o ingresso de 1,3 milhão de universitários na rede privada com um quinto do custo por aluno em comparação ao das universidades federais.

O Brasil tem imensas carências sociais e minorá-las se faz necessário. Causa indignação quando nos comparamos com países de menor carga tributária em relação ao PIB, os quais reconhecidamente oferecem à população serviços públicos mais eficientes.

O atual governo passou os nove meses do ano em intenso movimento de ensaio e erro, na ânsia de arrecadar mais, em contrapartida tímida para reduzir os custos da máquina pública e na venda de ativos. O pouco que fez foi uma suave lipoaspiração, enquanto o empresário e o trabalhador cortaram na carne, por instinto de sobrevivência.

É urgente uma reforma estrutural, pois a nossa dívida pública alcançou a cifra de R\$ 3,68 trilhões em julho de 2015 – o que equivale a 64,6% do PIB, contra 51% em 2012 –, colocando o país sob o risco de insolvência. Era 51% em 2012.

Um levantamento do Ministério do Planejamento – a pedido de um deputado – mostra o exagero dos cargos de confiança (que independem de concurso público): Brasil, 23 mil; Estados Unidos, 8 mil; França, 4 mil; Chile, 600; Alemanha, 500; Inglaterra, 300.

Dados levantados pelo jornal *O Globo* mostram que as 143 estatais geraram um prejuízo de R\$ 1,8 bilhão em 2013 e, apesar disso, entre 2009 e 2013 o número de funcionários aumentou 30%. Em sua coluna, o jornalista Cláudio Humberto afirma que Lula e Dilma, em seus três mandatos, triplicaram os gastos com a folha de servidores.

E o que dizer dos 39 ministérios de Dilma? O marechal Deodoro tinha oito; Getúlio, 11; Figueiredo, 15; FHC, 21. E vale uma comparação: Estados Unidos, 22; Chile, 22; Reino Unido, 18; Alemanha, 16. E a Previdência? Uma bomba-relógio, com um déficit previsto de R\$ 125 bilhões para 2016. Mesmo que se aprove a CPMF, com alíquota de 0,38%, a arrecadação será de R\$ 60 bilhões.

E nenhuma proposta para conter esse rombo avassalador. Tampouco necessitamos de um número tão elevado de senadores, deputados e vereadores – além do gasto com sinecuras e salários, boa parte deles é perdulária com os gastos públicos.

E, para concluir, estamos vivenciando uma das fases mais graves da história do país, com a imbricação e a superposição de três crises simultâneas: política, econômica e ética. O governo e o Congresso têm o dever cívico e moral de oferecer uma alternativa de solução.

Austeridade fiscal: eis a receita imprescindível, porém amarga. Parafraseando Dante, os piores lugares do inferno deveriam ser reservados aos governantes populistas, gastadores e corruptos, pois geram miséria e infelicitam uma nação.

(Jacir J. Venturi é vice-presidente da Associação Comercial do Paraná (ACP) e presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Paraná -Sinepe/PR).

Indústria enfrenta difícil equilíbrio entre estoque e produção

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A atividade industrial costuma se intensificar a partir de agosto, quando começa o atendimento às encomendas da época de festas do comércio, mas este ano a produção continua em queda.

Ao mesmo tempo em que muitas indústrias colocaram o pé no freio e reduziram a ocupação da capacidade instalada, os níveis de estoques permanecem estáveis,

mostrando que o cenário hostil e as vendas aquém do esperado continuam limitando o processo de ajuste do setor, que vem encolhendo desde o início do ano.

Dados da Sondagem Industrial da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) mostram que em agosto, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) do setor se manteve estável em 66%, embora esperava-se que na passagem de julho para agosto ocorresse uma redução da ociosidade da produção.

Em 2011, 2013 e 2014 o índice subiu dois pontos percentuais entre julho e agosto e, em 2012, um ponto percentual. Hoje, uso da capacidade da indústria brasileira está seis pontos percentuais inferior ao registrado ao mesmo mês do ano passado.

Isso mostra que a redução do uso da capacidade pelas indústrias não tem sido suficiente para fazer os estoques baixarem. Na prática, estoque indesejado é sinônimo de produto encalhado.

“Esse é um retrato que mostra que a queda na demanda está vindo mais forte do que o previsto. A resposta natural é reduzir a produção e deixar o acúmulo de estoque sair. Na medida em que as empresas não conseguem gerar essa redução dos estoques, é o sinal que a queda na demanda está surpreendendo”, afirma Renato da Fonseca, gerente de pesquisa e competitividade da CNI.

Em agosto, os estoques da indústria brasileira marcaram 51 pontos, ante 50,7 de julho, o que mostra uma tendência ao crescimento.

A escala da pesquisa é de 0 a 100, quanto mais perto de 50, a indicação é de estabilidade. Abaixo significa queda nos estoques e acima significa aumento. O acúmulo de mercadorias prejudica a recuperação do setor, que só consegue voltar a crescer quando diminuir o estoque.

Estratégia

Para enfrentar a crise que se desenhava já no fim do ano passado, a paranaense Sepac, uma das maiores produtoras do país de papel tissue (usado em papel higiênico, toalha de papel e guardanapo), traçou uma tática contrária à tendência: decidiu ocupar toda a capacidade produtiva da fábrica, localizada em Mallet, no Sudoeste do estado, para diminuir o custo dos produtos.

“Procuramos ocupar toda a capacidade que estivesse ociosa porque partimos da premissa que os custos de produção têm que ser alocados por toneladas de produtos. Ou você funciona por inteiro, com toda a capacidade produtiva, ou você diminui a produção e tem o produto saindo mais caro”, afirma João Ferreira Dias Filho, presidente da companhia.

Para garantir mercado para toda a produção, a Sepac investiu na área de vendas e ampliou o alcance dos produtos na região Sudeste.

A expansão da distribuição levou a empresa a vender para o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e o Sul da Bahia, além da região Sul, onde já era forte.

Atualmente a fábrica no Sudoeste produz 75 toneladas de produtos/mês, o que corresponde à produção de 3.500 rolos de papel higiênico por dia.

Varejo deve amargar com Natal fraco

As perspectivas da indústria e também do comércio para os próximos meses não são positivas, apesar da proximidade com o Natal. Segundo Renato da Fonseca, gerente da CNI, as vendas de fim de ano de 2015 não devem ultrapassar as de 2014, um dos piores anos da história do varejo.

“Na indústria o aumento deveria começar agora, mas na Sondagem vemos que esse crescimento ainda não aconteceu. Embora setembro esteja mais forte do que o mês anterior, esse aumento está muito abaixo do que foi no ano passado”, afirma.

A Confederação Nacional do Comércio (CNC) estima que o volume de vendas voltadas para o Dia das Crianças, que funciona como termômetro do Natal, deverá registrar seu pior resultado dos últimos 12 anos.

De acordo com a previsão, as vendas deverão registrar queda real de 2,8% em 2015. O Dia das Crianças é a quarta data mais importante do calendário do varejo brasileiro e deve movimentar R\$ 4,3 bilhões neste ano.

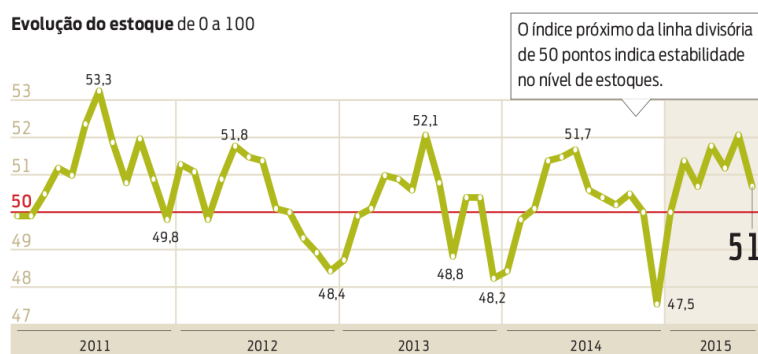
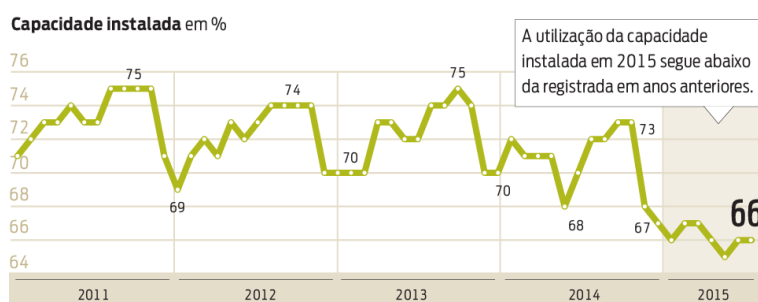
O volume de vendas dos estabelecimentos comerciais de varejo na mensuração restrita (sem os ramos de veículos, motos e material de construção) caiu 3,5% em julho no Paraná, na comparação com o mesmo mês de 2014, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE.

A projeção da consultoria GO Associados para o resultado do ano para o Brasil é de contração de 3,8%.

“A persistência da inflação em níveis mais elevados, a piora nas condições de emprego e renda, a deterioração da confiança do consumidor, o elevado nível de alavancagem das famílias e o crédito mais caro continuarão a afetar as vendas do comércio varejista nos próximos meses”, afirma o documento.

CENÁRIO EM QUEDA

Indicadores da atividade da indústria mostram que a ocupação da capacidade está em baixa e mesmo assim os estoques permanecem estáveis. Isso mostra que a redução da utilização média da capacidade instalada das indústrias não está sendo suficiente para fazer os estoques de produtos baixarem. Assim o setor deve continuar encolhendo, investindo pouco e demitindo mais.



Novo Toyota Prius chega ao Brasil em dezembro

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



Apresentada no Salão de Frankfurt, a quarta geração do híbrido Prius desembarca no Brasil em dezembro. A confirmação foi feita pela Toyota durante a 11.ª edição do Salão Latino-Americano de Veículos Elétricos, em São Paulo. A vinda do Japão foi antecipada, já que a ideia inicial era trazer a atualização só em 2016.

O sedã passou por uma completa reformulação, com fortes influências no primo futurista Mirai, movido a hidrogênio. Ele adotou a nova plataforma mundial da marca chamada de TNGA, que o deixou maior que o antecessor, com o chassi 60% mais rígido e o centro de gravidade mais baixo.

Segundo a Toyota, as mudanças estruturais resultam em conforto no rodar e, principalmente, ganho na estabilidade, uma das críticas recebidas pelo Prius por causa do peso das baterias.

Sem divulgar dados do conjunto mecânico, a fabricante informou que o novo Prius melhorou 18% no consumo de combustível e 40% na eficiência térmica. É possível que a haja uma evolução no propulsor 1.8 e no motor elétrico, que está mais compacto. A bateria de níquel-hidreto agora possibilita recarregas mais rápidas e maior autonomia.

O pacote tecnológico também foi ampliado. O Prius virá com alerta de faixa de rolamento, sistema pré-colisão, controle de cruzeiro adaptativo, farol alto automático e sistema de leitura de placas - este previsto apenas para a Europa, por enquanto.

Montagem nacional

A Toyota tem planos de montar o híbrido em São Bernardo do Campo (SP) no regime CKD (a peças importadas do Japão) até 2018. A marca, porém, ainda aguarda uma possível isenção de impostos do governo federal e estadual para híbridos e elétricos para viabilizar a processo.

A geração anterior do carro, que teve a maior parte de suas vendas no Brasil destinada ao público corporativo, está nas lojas em versão única por R\$ 115.500.

Brasil fecha quase 1 milhão de vagas em 12 meses

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Brasil já perdeu quase um milhão de postos de trabalho com carteira assinada nos 12 meses até agosto deste ano, e o próprio ministro do Trabalho e Emprego, Manoel Dias, admite que o país pode ultrapassar esta marca até o fim de 2015. Nem o período de festas no fim de ano deve amenizar o cenário, que só voltará a apontar geração de novas vagas formais a partir do segundo semestre de 2016, segundo especialistas.

O economista Rodrigo Leandro de Moura, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), prevê que o emprego com carteira só exibirá resultados positivos em agosto do ano que vem, quando devem ser abertos entre 8 mil e 15 mil

novos postos. “Essa leve melhora não sugere recuperação”, ponderou. “Melhorando, só lá para meados de 2017.”

Em agosto, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostrou fechamento de 86.543 vagas, o quinto resultado negativo seguido e o pior para o mês desde 1995. Com isso, 985,6 mil empregos com carteira assinada foram extintos em todo o país nos últimos 12 meses - quase metade só na indústria de transformação, embora todas as atividades, inclusive o comércio e os serviços, estejam perdendo trabalhadores.

“Podemos perder isso (mais de um milhão de vagas), mas não quer dizer que estamos incapacitados de recuperar”, afirmou Dias. Segundo ele, o governo tem promovido ações para injetar ânimo no mercado de trabalho ainda este ano. Mas os economistas estão incrédulos diante da fraqueza da atividade.

“O mercado de trabalho só deve parar de piorar no segundo semestre de 2016, com o avanço do ajuste fiscal, que é essencial para recuperar os índices de confiança e estimular a volta dos investimentos e do consumo”, comentou Thaís Zara, economista da Rosenberg Associados. “O quadro atual é muito negativo. Muito precisará ser feito na área fiscal para melhorar o cenário no mercado de trabalho.”

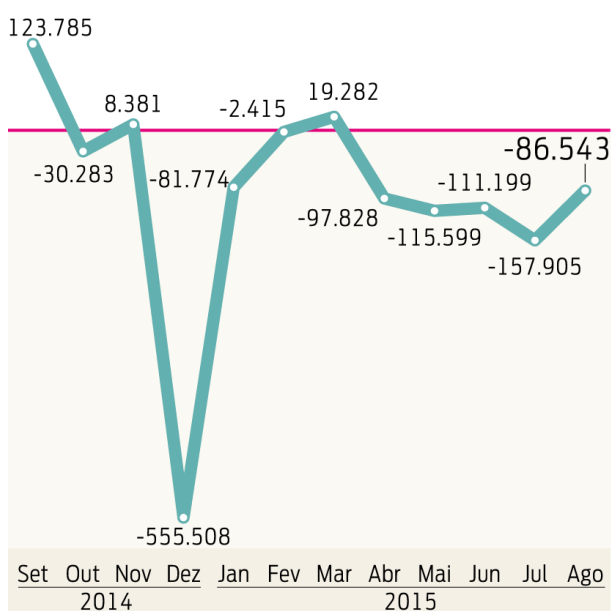
Otimismo

O fechamento de postos em agosto foi menos intenso do que em julho, quando as demissões superaram as admissões em 157,9 mil. O ministro Manoel Dias comemorou o que chamou de “recuperação”. “Tenho que ser otimista, é da minha natureza. Espero, torço para que nós possamos manter essa desaceleração”, disse.

Apesar disso, o ministro evitou estabelecer uma data para o fim das demissões. Dias afirmou apenas que a reversão do quadro deve ocorrer “num prazo não muito longo” e que a capacidade de recuperação hoje é maior do que há 12 anos. “É difícil fazer uma previsão sobre quanto durará este período (de queda no emprego). Vai depender da avaliação de cada setor e de cada vontade política.”

RETRATAÇÃO: Nos últimos 12 meses, o país já cortou 985,6 mil empregos com carteira assinada.

SALDO DE VAGAS FORMAIS



ATIVIDADE

Saldo acumulado nos últimos 12 meses

Em agosto e nos últimos 12 meses, a indústria de transformação foi a que mais contribuiu para a redução dos empregos formais no país.

Extração mineral	-13.622
Indústria de transformação	474.710
Serviços industriais de utilidade pública	-3.099
Construção civil	-385.249
Comércio	-43.549
Serviços	-41.210
Administração pública	-8.861
Agricultura	-15.369
Total do país	-985.669

Indústria de transformação comanda cortes

No mês passado, a indústria de transformação mais uma vez comandou o fechamento de postos de trabalho no Brasil, com quase 48 mil vagas extintas, o pior saldo para o período em 20 anos.

Em seguida vieram a construção civil (-25 mil) e o comércio (-12,9 mil). O resultado mensal do Caged só não foi pior porque os serviços contrataram quase 5 mil novos trabalhadores. Mas o resultado nem sequer compensa o que foi perdido em julho: um total de 58 mil vagas.

Para o economista Rodrigo Leandro de Moura, do Ibre/FGV, o resultado de serviços sugere alguma estabilidade e pode sinalizar que o setor deu início às contratações temporárias de fim de ano.

“Pode ter alguma contratação, mas, no agregado, segue negativo. A economia está fraca”, relativizou.

Estados

Das 27 unidades da federação, apenas nove registraram ampliação do número de vagas de trabalho ocupadas em agosto. As maiores quedas ocorreram em Minas Gerais (-23.849 postos), São Paulo (-16.992) e Rio Grande do Sul (-12.737). No Paraná, foram fechadas 8.194 vagas. No acumulado dos últimos 12 meses, o estado registra o fechamento de 39,6 mil postos.

Bandeira tarifária continuará vermelha em outubro

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) informou nesta sexta-feira (25) que a bandeira tarifária para outubro continuará vermelha, significando um acréscimo nas contas de luz de R\$ 4,50 para cada 100 quilowatt-hora (kWh) consumidos.

Devido à necessidade de despacho das usinas térmicas decorrente da longa estiagem que afeta o país nos últimos três anos, o Brasil está na bandeira vermelha desde o começo de 2015, quando o regime de cobrança adicional entrou em vigor.

Com a melhora nos níveis dos reservatórios das hidrelétricas e a queda no consumo de energia, o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) determinou no mês passado o desligamento de 21 usinas térmicas com potência somada de 2 mil megawatts médios.

Ainda assim, a melhora na geração hídrica não foi suficiente para fazer a bandeira baixar para a cor amarela, na qual haveria cobrança de R\$ 2,50 para cada 100 kWh consumidos. Na bandeira verde, não há cobrança adicional.

A reforma política e o papel do Congresso na atual crise

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Diz a lenda que Nero, ao atear fogo em Roma, era motivado pelo nobre desejo de escrever um poema da mesma qualidade de Homero em sua narrativa do incêndio de Troia na *Ilíada*.

Outro imperador romano, Calígula, diz o boato, nomeou um cavalo como cônsul e quis mesmo fazê-lo sacerdote a fim de resolver o problema da corrupção que, segundo seu ponto de vista, grassava solta no Senado romano.

A continuar agindo do jeito que está, Eduardo Cunha corre o risco de juntar-se a essa ilustre galeria de predecessores na proposta de soluções bizarras para os problemas que afligem uma determinada pólis.

Pois, a julgar por suas iniciativas até agora, qual será o legado de Cunha para a política brasileira? Em primeiro lugar, devemos mencionar um aspecto positivo, que é o de afirmar a importância da Câmara dos Deputados no sistema político brasileiro.

É percepção corrente da população, e mesmo de alguns dos melhores analistas políticos, que somente os chefes do Executivo detêm o poder em nosso sistema político.

Ao enfatizar a independência da Câmara e liderar várias iniciativas que vão contra as preferências manifestas da Presidência da República, Eduardo Cunha reafirma a importância do parlamento, fazendo convergir para o órgão legislativo as atenções da opinião pública nacional.

Num país de cultura política autoritária como o Brasil, e pouca tradição de valorizar os partidos políticos e o Legislativo, isso é, por si só, uma grande qualidade. Eduardo Cunha é um dos principais focos de crise e retrocesso em nossa democracia.

Entretanto, os méritos terminam aí. Vejamos, apenas a título de exemplo, o caso do escandaloso e faraônico "Parlashing", avaliado em mais de R\$1 bilhão e cujas motivações e circunstâncias de construção são extremamente obscuras, para dizer o mínimo. O que estaria motivando Cunha a propor a construção desse autêntico cemitério de elefantes brancos em pleno contexto de crise e ajuste fiscal pelo qual passamos?

Além disso, Cunha liderou de forma atabalhoada uma "reforma política" que, além de desconsiderar todas as sugestões feitas pela assessoria da casa, teria como único efeito prático o de eliminar um dos maiores avanços ocorridos na democracia brasileira, ou seja, a possibilidade de identificação, pelos eleitores, dos financiadores individuais das campanhas dos políticos através dos dados disponíveis no TSE.

Isso ocorreria caso o STF não tivesse recentemente declarado inconstitucional o financiamento de campanhas por pessoas jurídicas.

Ora, o papel do presidente da Câmara é zelar pela independência do Legislativo, sim, mas nesse papel deve revelar discricção, espírito público, equilíbrio de julgamento e moderação em suas atitudes, não contribuindo para agravar ainda mais a crise política e econômica por que passa o país e as suspeitas de corrupção e irregularidades no sistema político brasileiro.

Eduardo Cunha, hoje, juntamente com a inoperância do governo, é um dos principais focos de crise e retrocesso em nossa democracia.

A continuar desse jeito, talvez não tenhamos em breve um incêndio em Brasília, nem a nomeação de um equino como membro da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados.

Mas é muito provável que testemunhemos, ao fim de sua gestão, um uso – nunca visto antes nesse país –, por um político, de um cargo público em benefício próprio e de seus aliados e financiadores de campanha.

(Sérgio Braga, cientista político, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR).

Empresas bancam 2/3 das doações de PT, PSDB e PMDB

28/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Principal combustível das campanhas eleitorais no Brasil, as contribuições financeiras de empresas também são as maiores responsáveis pelo custeio das máquinas dos grandes partidos.

Somados, os diretórios nacionais do PT, do PMDB e do PSDB receberam R\$ 2 bilhões em doações de pessoas jurídicas entre 2010 e 2014, em valores atualizados pela inflação. Isso representa dois terços de tudo o que entrou nos cofres das três legendas naquele período de cinco anos.

Essa fonte de receitas está prestes a secar. No dia 17, o Supremo Tribunal Federal (STF) não apenas decidiu que o financiamento empresarial de campanhas é inconstitucional, mas também derrubou os artigos da Lei dos Partidos Políticos que permitem contribuições privadas às legendas.

Com essa permissão legal, os tesoureiros dos partidos vinham arrecadando recursos de empresas mesmo em anos não eleitorais. Em 2011 e 2013, por exemplo, nada menos que R\$ 205 milhões foram doados às três maiores legendas do País.

As prestações de contas entregues à Justiça Eleitoral mostram que os partidos usam parte dos recursos recebidos de pessoas jurídicas para custear pagamento de salários, aluguéis de imóveis, viagens de dirigentes, material de consumo e até despesas com advogados.

Mas o dinheiro que financia campanhas também transita pelas contas das legendas, e não só pelos comitês eleitorais. Nos anos em que os eleitores vão às urnas, os três maiores partidos recebem de pessoas jurídicas, em média, seis vezes mais do que em anos não eleitorais.

No ano seguinte ao de uma eleição, os recursos doados às legendas também podem servir para pagar dívidas de campanhas - o que constitui uma modalidade indireta de financiamento eleitoral, que não aparece nas prestações de contas dos candidatos.

Em 2013, por exemplo, o PT nacional enviou R\$ 67,5 milhões, em valores atualizados, para centenas de diretórios municipais do partido. No ano anterior, esses diretórios haviam custeado as campanhas dos candidatos a prefeito, e muitos terminaram a tarefa endividados.

Não há como contabilizar quanto dos recursos usados pelo PT nacional para irrigar suas instâncias municipais veio de empresas, nem a identidade dos doadores. A prestação de contas indica apenas que esse dinheiro não saiu do Fundo Partidário, mas do caixa intitulado "outros recursos" - onde entram doações de empresas e pessoas físicas, contribuições de filiados e outras fontes menores.

Ou seja, uma empresa que fez uma doação ao PT em 2013 pode ter contribuído indiretamente para pagar a campanha de um candidato do partido em 2012, sem que isso aparecesse na contabilidade do candidato - trata-se de mais de uma modalidade de "doação oculta", em que o vínculo entre financiador e financiado fica invisível.

Para complicar ainda mais esse rastreamento, as prestações de contas das doações recebidas em 2013 só foram feitas em 2014 - dois anos depois da eleição municipal.

O PSDB também fez repasses a diretórios municipais em 2013, mas em volume bem menor: pouco mais de R\$ 1 milhão.

Contabilidade

Para avaliar o peso das contribuições empresariais no financiamento dos partidos, a reportagem analisou as prestações de contas do PT, do PMDB e do PSDB desde 2010.

Foram contabilizados apenas os recursos recebidos pelos diretórios nacionais - empresas também podem doar diretamente a candidatos ou às instâncias estaduais e municipais das legendas, mas nem todas têm suas prestações de contas publicadas.

No total, os três maiores partidos arrecadaram quase R\$ 3 bilhões de 2010 a 2015. Além dos R\$ 2 bilhões oriundos de empresas, a segunda fonte mais importante foi o Fundo Partidário, formado por recursos públicos: R\$ 743 milhões, o equivalente a 25% do total. As doações de pessoas físicas para os três partidos somaram cerca de R\$ 47 milhões - apenas 1,6% do total das receitas.

Na divisão por partidos, o PT foi o principal beneficiário das doações das empresas: recebeu R\$ 967 milhões, ou 48% do total. Em segundo lugar, apesar de não ter lançado candidato a presidente em 2010 e em 2014, aparece o PMDB, com R\$ 539 milhões (27%). A seguir vem o PSDB, com R\$ 498 milhões (25%).

As prestações de contas do PT estão assinadas pelo ex-tesoureiro João Vaccari Neto, que está preso. Ele foi condenado por corrupção e lavagem de dinheiro - investigações da Polícia Federal e do Ministério Público, no âmbito da Operação Lava Jato, indicaram que propinas de empreiteiras eram canalizadas ao partido na forma de doações oficiais.

Confiança da indústria cai 2,9% em setembro e renova mínima histórica

28/09/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) mostrou piora pelo segundo mês seguido em setembro ao cair 2,9% sobre o mês anterior, renovando a mínima histórica, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta segunda-feira, 28.

O ICI recuou a 66,0 pontos em setembro, após queda de 1,6% em agosto que levou o índice a 68,0 pontos.

"Fatores negativos de origem econômica associam-se às incertezas do ambiente político para determinar a persistência da tendência de queda da confiança industrial", explicou o superintendente-adjunto para ciclos econômicos da FGV/IBRE, Aloisio Campelo Jr.

A FGV informou que o Índice da Situação Atual (ISA) teve queda de 1,9% em setembro, chegando a 67,9 pontos, segundo menor nível da série. Já o Índice de Expectativas (IE) caiu 4,2%, a 64,0 pontos, menor patamar histórico.

"A piora mais expressiva das expectativas desde abril sugere que, em setembro, o setor continua sem ver sinais de recuperação consistente no horizonte de três a seis meses", acrescentou Aloisio Campelo Jr.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada, por sua vez, foi a 76,5%, queda de 1,2 ponto percentual sobre o mês anterior.

A produção industrial iniciou o terceiro trimestre com fraqueza generalizada entre os setores ao apresentar queda de 1,5% em julho sobre o mês anterior, pior resultado mensal neste ano, o que reforça o cenário de recessão pelo qual passa o país.

Lagarde diz que FMI deve reduzir projeções de crescimento global, segundo jornal

28/09/2015 – Fonte: Reuters

O Fundo Monetário Internacional (FMI) deve revisar para baixo suas estimativas para o crescimento econômico global devido à expansão mais lenta em economias emergentes, afirmou a diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, em entrevista ao jornal Les Echos.

"Estamos em um processo de recuperação cujo ritmo está desacelerando. Existe uma mudança entre países emergentes e desenvolvidos. Os primeiros, que estava comandando uma recuperação global há não muito tempo, estão desacelerando. Os outros estão vendo seu ímpeto acelerar. Isso deve nos levar a revisar para baixo nossas projeções de crescimento", disse Lagarde na entrevista.

"Uma projeção de crescimento de 3,3 por cento neste ano não é mais realista. Nem uma estimativa de 3,8 por cento para o próximo ano. Vamos, no entanto, permanecer acima da marca de 3 por cento", disse ela.

Está previsto que o FMI divulgue projeções econômicas atualizadas em outubro.

Horizonte compra projeto de níquel da Glencore no Brasil por US\$8 mi

28/09/2015 – Fonte: Reuters

A Horizonte Minerals disse nesta segunda-feira que comprou o projeto de níquel Araguaia da Glencore no Brasil por 8 milhões de dólares. "Essa é uma transação que muda o jogo para a Horizonte. Conseguimos negociar uma transação única tomando vantagem do atual mercado de commodities em baixa", disse o presidente-executivo da Horizonte, Jeremy Martin, em comunicado.

Um porta-voz da Glencore disse que o acordo é parte do plano da empresa de se desfazer de ativos não essenciais. A Horizonte, com ações negociadas em Londres, é uma empresa de desenvolvimento de projetos de níquel com foco no Brasil.

Funcionários e fornecedor da Volks alertaram sobre fraudes, dizem jornais alemães

28/09/2015 – Fonte: Reuters

Funcionários da Volkswagen e um de seus fornecedores alertaram anos atrás sobre o software que interferia nos testes de emissões de carbono, disseram dois jornais alemães neste domingo, enquanto a fabricante tenta descobrir há quanto tempo seus executivos sabiam sobre as fraudes.

A maior fabricante de automóveis do mundo ainda está avaliando o custo que o episódio, o maior escândalo em 78 anos de sua história, terá para seus negócios e reputação. A companhia alemã admitiu a instalação de um software para esconder as emissões de gases tóxicos em motores a diesel.

Países ao redor do mundo lançaram suas próprias investigações depois que a companhia foi descoberta fraudando testes nos Estados Unidos. A Volkswagen diz que o software modificou motores em 11 milhões de carros, a maioria deles vendidos na Europa.

A investigação interna da companhia deve se focar em até qual degrau da hierarquia estariam os executivos responsáveis pelas fraudes, e por quanto tempo eles souberam das práticas.

O jornal de Frankfurt Allgemeine Sonntagszeitung disse, citando uma fonte do Conselho de Supervisão da Volkswagen, que o órgão havia recebido um relatório interno em uma reunião na sexta-feira mostrando que técnicos da empresa haviam alertado sobre práticas ilegais referentes a emissões em 2011.

Nenhuma explicação foi dada sobre o motivo de a questão não ter sido abordada na época.

Separadamente, o jornal Bild am Sonntag disse que uma investigação interna da empresa revelou a existência de uma carta da fornecedora de peças Bosch em 2007 que também alertava sobre o possível uso ilícito da tecnologia de software fornecida. O jornal não citou a fonte dessa informação.

A Volkswagen negou-se a comentar os detalhes das duas reportagens.

"Há sérias investigações sendo conduzidas e o foco agora são as soluções técnicas", disse um porta-voz da Volkswagen referindo-se aos problemas de seus clientes e concessionárias. "Assim que tivermos fatos confiáveis poderemos dar respostas".

Um porta-voz da Bosch disse que as negociações da empresa com a Volkswagen são confidenciais.

O Bild disse que Martin Winterkorn, que se demitiu do cargo de presidente da Volkswagen na semana passada, estaria exigindo seu salário para o restante do contrato, até o final do ano que vem, mas o Conselho não estaria disposto a pagar.

Nenhuma fonte foi citada para a informação. Winterkorn recebeu 16 milhões de euros no ano passado, o maior valor para um presidente-executivo entre todas as empresas listadas do índice alemão DAX.

Suzuki vende sua participação na Volkswagen para a Porsche

28/09/2015 – Fonte: Exame



A Suzuki Motor afirmou que já *vendeu* toda a sua participação de 1,5% na Volkswagen para a Porsche Automobil Holding.

A montadora japonesa disse neste sábado que vendeu 4,397 milhões de ações ordinárias da Volkswagen e que elas seriam transferidas em 30 de setembro.

A Porsche disse em seu site que a sua participação na Volkswagen aumentaria para 52,2 por cento, após a transferência.

Economistas elevam de novo projeção de juros em 2016 e veem queda do PIB de 1%

28/09/2015 – Fonte: Reuters

Economistas de instituições financeiras elevaram pela segunda semana seguida a expectativa para a taxa básica de juros no final de 2016, em meio a nova piora do cenário para a inflação e projetando agora contração econômica de 1 por cento.

A pesquisa Focus do Banco Central divulgada nesta segunda-feira mostrou que a estimativa para a taxa básica de juros Selic no próximo ano passou a 12,50 por cento, contra 12,25 por cento anteriormente.

A projeção para a alta do IPCA em 2016 subiu pela oitava semana seguida, em 0,17 ponto percentual em relação à semana anterior, para 5,87 por cento. A meta é de 4,5 por cento, com tolerância de 2 pontos percentuais para mais ou menos.

Os especialistas consultados voltaram a ajustar para cima a expectativa para a alta dos preços administrados, vendo agora 5,92 por cento, sobre 5,91 por cento. Para o dólar a expectativa permaneceu em 4 reais.

Em relação à economia, eles veem agora contração de 1,0 por cento, ante queda de 0,80 por cento na semana anterior. Isso porque em grande parte passaram ver retração da indústria de 0,60 por cento, contra crescimento de 0,20 por cento anteriormente.

As pressões inflacionárias no país vêm piorando, diante principalmente da valorização do dólar, que na semana passada atingiu nova máxima histórica, a 4,2491 reais no intradia.

Na última quinta-feira, em uma aparição surpresa, o presidente do BC, Alexandre Tombini, afirmou que as taxas de juros nos mercados não servirão de "guia" para a condução da política monetária nos próximos meses, reafirmando a estratégia de manutenção da Selic no atual patamar de 14,25 por cento por período suficientemente prolongado.

Para 2015, os especialistas consultados elevaram a projeção para o avanço do IPCA a 9,46 por cento, contra 9,34 por cento, com a expectativa para a Selic permanecendo em 14,25 por cento. Em relação ao dólar neste ano, a projeção subiu a 3,95 reais, contra 3,86 reais.

Em setembro, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) desacelerou a alta a 0,39 por cento, recuando pelo terceiro mês seguido, e parou de subir no acumulado em 12 meses.

Sobre a economia, também houve nova piora na expectativa para este ano, a 11ª seguida. A projeção de contração chegou agora a 2,80 por cento, sobre queda de 2,70 por cento na pesquisa anterior.

Mais de 2 mi de veículos da Audi também foram manipulados

28/09/2015 – Fonte: Exame

A manipulação do motor diesel EA 189, que tinha um software para fraudar as emissões de gases poluentes, também aconteceu em 2,1 milhões de veículos da Audi, segundo um porta-voz da Volkswagen citado pela rede de televisão "N-TV".

Os modelos afetados são os A1, A3, A4, A6, o esportivo TT e os Q3 e Q5 equipados com motores turbodiesel de 1,6 e 2 litros.

Os motores atuais, que cumprem a legislação europeia, não estão manipulados, assim como outras marcas da Volkswagen, segundo o porta-voz da companhia alemã.

A Volkswagen informou na sexta-feira que cinco milhões de veículos de sua principal marca no mundo todo sofreram a manipulação do cálculo de emissões poluentes.

Alguns modelos estão equipados exclusivamente com o motor diesel EA 189, também da marca espanhola Seat e da tcheca Skoda.

Estes modelos são por exemplo o Golf da sexta geração, o Passat da sétima geração Y e a primeira geração do Tiguan, segundo a Volkswagen.

Todos os veículos novos da marca Volkswagen que cumprem a legislação europeia UE6 não foram fraudados, o que inclui os novos modelos do Golf, do Passat e do Touran.

As ações da matriz Volkswagen caíram no início da tarde de hoje 6,2%, para 100,60 euros, na Bolsa de Frankfurt.

Suíça investiga sete bancos por acordo no preço dos metais

28/09/2015 – Fonte: Exame

Sete bancos - incluindo UBS, HSBC e Deutsche Bank - serão investigados por possíveis acordos ilegais para estabelecer os preços no mercado de metais preciosos, anunciou a Comissão de Concorrência da Suíça (COMCO).

A COMCO "abriu uma investigação contra dois bancos suíços, UBS e Julius Baer, e os estrangeiros Deutsche Bank, HSBC, Barclays, Morgan Stanley e Mitsui", afirma um comunicado da comissão.

Existem elementos que permitem pensar que estes bancos "podem ter fechado acordos ilegais no mercado de metais preciosos", como ouro, prata, platina e paládio.

A COMCO suspeita "em particular da existência de possíveis acordos na fixação dos preços, especialmente no que diz respeito aos 'spreads', diferença entre a demanda e a oferta", informa o comunicado.

BCE suspende compra de bônus emitidos pela Volkswagen

28/09/2015 – Fonte: Exame

O Banco Central Europeu (BCE) suspendeu a compra de alguns bônus emitidos pelo braço financeiro da Volkswagen, à medida que a montadora enfrenta um potencial aumento nos custos de financiamento, em meio ao escândalo envolvendo os testes de emissão de poluentes nos Estados Unidos.

Na semana passada, a autoridade monetária havia excluído do seu programa de compra de bônus os títulos lastreados em ativos emitidos pela VW, a fim de avaliar os desenvolvimentos do escândalo, de acordo com uma fonte familiarizada ao assunto.

O movimento ressalta a vulnerabilidade que a crise de emissões criou para os operadores financeiros da montadora alemã nos EUA e na Europa.

A decisão também vem na esteira de comentários negativos por parte das agências de classificação de risco, que podem resultar em um aumento dos custos de financiamento para a gigante alemã.

Na semana passada, a Moody's rebaixou a perspectiva da Volkswagen de estável para negativa, citando efeitos em cadeia em decorrência do escândalo nos testes de emissão.

A Volkswagen Financial Services está avaliando se tem de reservar encargos sobre o valor de garantia de veículos afetados por um possível recall, disse um porta-voz. "Estamos conversando com a Volkswagen sobre um possível impacto", disse.

A divisão de serviços financeiros da Volkswagen agrupa atividades bancárias, incluindo depósitos e empréstimos ao consumidor para estimular a venda de automóveis, bem como operações de seguros

Novo presidente da VW garante que escândalo será esclarecido

28/09/2015 – Fonte: Exame

O novo presidente do grupo Volkswagen, Matthias Müller, assegurou em carta a seus cerca de 600.000 empregados no mundo todo que esclarecerá completamente o incidente da manipulação das emissões de gases poluentes.

No texto, postado neste domingo no site do jornal econômico alemão "Handelsblatt", Müller promete também trabalhar para recuperar a confiança de clientes, sócios, investidores e o conjunto da opinião pública após a revelação do escândalo.

"Estamos esclarecendo sem descanso" o incidente, garante Müller aos funcionários da maior fabricante de veículos do mundo, para então reconhecer que a situação é complicada: "Nossa empresa se encontra perante um desafio nunca visto".

O novo presidente do grupo, que até sua nomeação na sexta-feira era presidente da Porsche - uma das marcas integradas na Volkswagen -, declarou que planeja melhorar os padrões de qualidade e a gestão da companhia.

A Volkswagen reconheceu que enganou os órgãos de regulação durante anos, de forma sistemática, ao instalar um software nos motores a diesel EA 189, que permitia que o veículo reconhecer que estava passando por testes e, dessa forma, reduzir os números de emissões de óxido de nitrogênio.

O grupo anunciou ontem que prevê reparar em breve, e de forma gratuita, esta manipulação em todos os veículos afetados.

O escândalo, que foi revelado na sexta-feira da semana passada, custou o cargo do presidente do grupo Volkswagen, Martin Winterkorn.

Espanha pede que Volks devolva subsídio para veículos limpos

28/09/2015 – Fonte: Exame

O ministro espanhol da Indústria, Energia e Turismo anunciou que solicitou que a subsidiária espanhola da Volkswagen, a SEAT, devolva os subsídios recebidos pela produção de veículos eficientes.

O ministro Jose Manuel Soria disse neste sábado que ele espera que a SEAT informe quantos veículos foram produzidos e vendidos na Espanha com o software que fraudava os testes de poluentes.

Soria disse que o Grupo Volkswagen garantiu que vai manter seus investimentos na Espanha e que o escândalo não vai afetar as atividades ou geração de empregos no país.

Em um release divulgado hoje, a SEAT afirmou que Luca de Meo é o novo CEO da empresa no país e que a confiabilidade do grupo foi comprovada pelos seus mais recentes investimentos de 3,3 bilhões de euros (US\$ 3,7 bilhões) em desenvolvimento e pesquisa em suas unidades espanholas.

Suíça proíbe venda de carros da Volks que enganam testes

28/09/2015 – Fonte: Exame



As autoridades suíças proibiram, temporariamente, a venda de novos carros do grupo Volkswagen equipados com dispositivo que engana os testes de emissões de gases poluentes.

O Swiss Federal Roads Office, agência suíça responsável pelo setor dos transportes, informou que alguns dos 180 mil veículos fabricados pelas empresas Audi, Seat, Skoda e Volkswagen entre 2009 e 2014 poderiam estar entre os que falsearam as emissões.

Segundo a agência, os modelos equipados com motores diesel do tipo 1.2TDI, 1.6TDI e 2.0TDI podem estar equipados com um software capaz de enganar os testes ambientais.

As autoridades suíças ressaltaram que apenas carros projetados para atender às normas de emissão EUR05 foram afetados e não os motores de EUR06.

O anúncio vem após o grupo Volkswagen ter nomeado o presidente da Porsche, Matthias Mueller, como novo presidente executivo da empresa líder mundial nas vendas de carros.

A escalada do escândalo ficou clara quando a Volkswagen admitiu que 11 milhões de seus carros a diesel estão equipados com os chamados dispositivos manipuladores, que, automaticamente, desligam os controles de poluição quando o carro está sendo conduzido e voltam a impedir emissões poluentes durante a realização de testes.

A agência suíça disse que criou um grupo de trabalho para investigar quais os tipos de veículos vendidos no país que realmente estão equipados com o software manipulador.

O grupo de trabalho tem feito contato com os importadores de veículos afetados, com os departamentos de registro de matrículas estrangeiras e com outras autoridades suíças, tanto no nível federal quanto regional.

Pedidos de falência devem ter maior alta em 10 anos

28/09/2015 – Fonte: Exame

Apenas 14 meses depois de abrir as portas de uma loja de acessórios e calçados em couro em Ipanema, na zona sul do Rio, o empresário Rafael Fragoso Pires decidiu, em abril deste ano, desistir do negócio e abortar o projeto de criar uma rede de franquias.

"Cinco meses antes de fecharmos, as vendas despencaram. Tentamos renegociar o aluguel, mas o proprietário foi irredutível. Os fornecedores também estavam apertados. Preferimos fechar a acumular prejuízo", conta.

O fim precoce tem sido o destino de um número cada vez maior de estabelecimentos no país, encurralados pela elevação nos custos e pela desaceleração na economia.

Desemprego em alta e renda em retração fizeram os clientes desaparecerem das lojas. No comércio, as vendas devem fechar no vermelho pela primeira vez em 12 anos.

No Brasil, o total de estabelecimentos comerciais caiu 5,6% em 12 meses até julho, segundo levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) a partir de dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Nesse ritmo, o setor caminha para a primeira redução no número de empresas desde o início da série, em 2005.

O número de pedidos de falência deve ter a maior alta também desde 2005, estima a Boa Vista SCPC, considerando todos os setores. O processo é puxado pelo comércio, cujos pedidos sobem em ritmo mais intenso.

Nos oito primeiros meses de 2015, o total de falências requeridas no Brasil subiu 14,2% ante igual período de 2014. No comércio, o salto foi de 20,9%.

Os pedidos de recuperação judicial, medida para tentar evitar a falência da empresa, também caminham para um recorde em 2015. Até agosto foram 800 no país, alta de quase 40%.

A adesão recente de grandes grupos - caso das empresas de Eike Batista e das empreiteiras OAS e Galvão Engenharia, na esteira da Operação Lava Jato -, tende a impulsionar o recurso.

Custos. Em Ipanema, um dos metros quadrados mais caros do país, o preço salgado dos aluguéis já vinha pressionando os lojistas. A queda no movimento em 2015 foi a gota d'água para muitos deles. Vítima de um aluguel de R\$ 23 mil mensais, o arquiteto Chicô Gouvêa fechou a loja de decoração "Olhar o Brasil", inaugurada em 2011.

"As coisas pioraram muito desde o fim do ano. Optamos por manter a loja de Itaipava (região serrana do Rio), mais rentável. É triste. Ipanema era uma vitrine", conta Gouvêa. Mesmo no centro do Rio, a especulação dos imóveis já sufocava os lojistas, que agora agonizam diante da queda nas vendas.

José Freitas, há 22 anos dono da livraria Solário, fechou a unidade da Rua da Carioca após o aluguel ter triplicado de um ano para o outro. Ele até negociou um aumento gradual e foi levando como pôde, achando que a crise iria passar.

"Mas não passou. Fechei a loja em julho, demiti balconistas e atendentes, mas estamos em dificuldades. Não sei até quando vou conseguir manter a loja da Sete de Setembro", lamenta.

Segundo o Sindilojas Rio, 1.290 lojas fecharam na cidade de janeiro a maio, último dado disponível. O volume quadruplicou ante 2014. Para o presidente da entidade, Aldo Gonçalves, o empresário só fecha um estabelecimento quando não tem saída, já que isso envolve despesas. "O consumidor tem receio de comprar e o empresário de investir. É o pior dos mundos", diz.

"O que o ano de 2015 mostra é uma combinação de custos elevados e queda nas vendas, que estrangula o empresário e impõe um processo de seleção natural", analisa Fabio

Bentes, economista-sênior da CNC. "A crise vai se prolongar mais do que a gente esperava. Para o comércio reagir via liquidações vai ficar mais difícil, já que o custo aumentou muito."

Pelos dados do Caged, as microempresas, com até nove funcionários, representam um terço do setor e são as mais frágeis diante da conjuntura econômica desafiadora.

No caso delas, a queda já chega a 6,7%. Já entre as empresas com até 99 funcionários, todos os 22 segmentos investigados apresentam redução no número de companhias ativas.

Falências

O economista Flávio Calife, da Boa Vista SCPC, afirma que os pedidos de falência e recuperação judicial explodiram a partir do segundo trimestre de 2015. "Houve uma piora muito forte no ambiente de negócios. A falta de confiança está levando empresários que vinham tentando cortar custos e evitando demitir a abrir mão de seus negócios", diz.

Calife explica que, no caso da indústria, a situação já vinha piorando há mais tempo, por isso os dados do comércio chamam mais atenção este ano. As pequenas empresas são as que mais sofrem: respondem por 91% dos pedidos de falência no comércio e 79% na indústria.

A expectativa da Boa Vista SCPC é que a situação continue se agravando até o fim do ano, resultando no maior crescimento dos pedidos de falência desde 2005, quando a nova lei entrou em vigor. Em 2009, auge da crise financeira global, a alta foi de 7%. "Não há sinal de melhora. Medidas como a retomada de impostos tendem a derrubar mais a confiança", alerta.

Piora

O assessor econômico Vitor França, da Fecomércio-SP, prevê um cenário negativo para o varejo em 2016. Além do encarecimento de itens como água e energia, a disparada do dólar deverá elevar os custos de parte dos comerciantes.

Com juros altos e bancos retraídos, os empresários terão poucas janelas para refinar dívidas. "A consequência é um corte brutal de empregos no comércio. Ainda não é o fundo do poço. O ciclo de queda de vendas, fechamento de empresas e desemprego tende a se agravar", diz. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Em crise, indústria busca produtividade

28/09/2015 – Fonte: Automotive Business

No cenário de profunda retração das vendas domésticas de veículos, os fabricantes instalados no País saem da zona de conforto na qual surfaram até recentemente e voltam os olhares para dentro da operação, em busca de produtividade.

Basicamente, isso significa cortar custos, caçar e eliminar desperdícios e fazer mais com menos, para agregar valor aos produtos e ajustar a rentabilidade a volumes menores de produção.

O efeito colateral benéfico dessa estratégia traçada em meio à crise econômica pode trazer mais competitividade internacional à indústria, para aumentar exportações e compensar em parte o excesso de capacidade instalada nos últimos anos que já bate em quase 50%.

Não por acaso, "produtividade e tecnologia" foi o tema central do Congresso SAE Brasil 2015, que reuniu em São Paulo boa parte da comunidade de engenharia automotiva.

Não se falou em outra coisa na maioria dos painéis de debates promovidos durante os três dias do evento, que culminou com a apresentação de cinco presidentes de empresas do setor, que apontaram as dificuldades brasileiras e mostraram como buscam eficiência em suas organizações.

“Independentemente da forma como se busca produtividade, o importante é que se acelerem esses processos neste momento”, resumiu em seu discurso de encerramento do evento Frank Sowade, presidente da SAE Brasil e diretor de operações da Volkswagen na Planta Anchieta, em São Bernardo do Campo (SP).

“Nunca este tema foi tão relevante para a indústria nacional”, concordou ao iniciar sua apresentação José Eduardo Luzzi, presidente da Navistar Mercosul, que reúne as operações da MWM Motores Diesel e International Caminhões.

A recessão econômica no País deteriora a situação das fábricas de veículos e autopeças no País, uma vez que todos se preparam, com investimentos em ampliações industriais, para atender um mercado doméstico bem maior do que se apresenta hoje, com produtos que têm pouca ou nenhuma penetração no exterior – e que, portanto, são pouco exportáveis e não podem compensar com vendas externas a baixa do mercado interno. Celso Placeres, diretor de planejamento da Volkswagen do Brasil – que substituiu o presidente David Powels no painel –, mostrou o preocupante aumento da ociosidade das fábricas no País.

Em 10 anos até 2013, a produção cresceu 125%, atingindo o pico de 3,6 milhões de veículos leves, incentivando ampliações e abertura de novas unidades produtivas. O problema é que o ritmo recuou 31% nos dois últimos anos.

Em 2015 não se espera mais do que 2,5 milhões de carros produzidos e 2,7 milhões para 2016, contra a capacidade instalada que chega a 5,6 milhões de 21 montadoras, que tentam dividir o mesmo mercado de 2006.

Luzzi, da Navistar, destacou os aumentos dos custos industriais que impactam ainda mais a produtividade, como a elevação da tributação da folha de pagamentos, o fim do Reintegra (programa que devolvia impostos embutidos nas exportações), além de aumentos da energia elétrica, dos juros e do dólar.

No segmento de caminhões, após produzir 220 mil veículos em 2011, projetava-se chegar a 320 mil em 2020. Este ano a indústria mal alcançará 80 mil e a projeção não passa de 120 mil na virada da década.

“Essa ‘boca de jacaré’ que se abriu entre o que se esperava e o que realmente está acontecendo muda todas as estratégias. É preciso revisar as expectativas acelerar ainda mais os programas de eficiência. Nenhum de nós pode esperar mais para ver o que vai acontecer. Quem fizer isso não sobreviverá para ver o resultado”, avaliou o executivo.

Como nunca deixou de procurar o mercado externo, mesmo nos momentos de câmbio mais desfavorável, Luzzi explica que a MWM Motores (principal negócio da Navistar no Brasil) sempre investiu no constante aumento da produtividade de suas operações industriais.

Os processos de manufatura enxuta (lean) começaram a ser implantados a partir de 2010, com identificação e redução de desperdícios que elevaram o valor agregado do trabalho.

“Em apenas uma linha de produção chegamos a identificar mais de 6 mil elementos que podiam ser melhorados”, exemplifica. Nos últimos cinco anos, enquanto a produção aumentou 22%, o número de empregados caiu 18%.

“O aumento de produtividade não depende somente de maciços investimentos em automação, que são necessários, mas também deve-se levar em conta a educação continuada dos colaboradores e a revisão constante dos processos produtivos”, destacou.

PROTECIONISMO ANULA COMPETITIVIDADE

Presidente da Scania América Latina, Per Olov Svedlund, começou sua exposição falando de sua próprio país, a Suécia, perguntando: “Como é possível um país tão pequeno, de apenas 6,7 milhões de habitantes, ter companhias globais tão grandes como a Scania, minha concorrente Volvo, ou outros nomes de peso como Atlas Copco ou SKF?” Para Svedlund, a resposta está na competição internacional.

“A Suécia não é nada como mercado (para uma indústria de alta escala de produção) em comparação com Brasil ou China. Por isso temos de exportar. E para isso temos de ser muito competitivos.”

Ele destacou que essa mesma cultura corporativa foi implantada na fábrica da Scania em São Bernardo do Campo (SP), que é base exportadora de caminhões da marca para diversos mercados e por isso fabrica produtos com a mesma qualidade das outras plantas localizadas na Suécia e na Holanda. “Como exportamos temos de ser muito produtivos”, ressaltou.

Svedlund apontou que a evolução da produtividade da Scania pode ser verificada pelo aumento de sua produção mundial nos últimos 20 anos, que cresceu de 46,4 mil unidades em 1995 para 82,9 mil em 2013, enquanto o quadro de empregados permaneceu praticamente estável, passando de 12,5 mil para 13,1 mil no mesmo período.

“A produtividade mais que dobrou, avançou de 3,5 veículos produzidos por funcionário para 6,7.” “O Brasil também pode ser competitivo e nossa fábrica de São Bernardo comprova isso. Temos mão de obra qualificada e alguns dos processos mais eficientes do mundo aqui.

Portanto, não há desculpas para não sermos produtivos aqui, a não ser pelo protecionismo”, atacou Svedlund, referindo-se à velha política brasileira de desenhar vantagens para proteger a indústria local.

“Por isso a produtividade não evolui aqui. O protecionismo limita a competição e aumenta preços mesmo quando os custos são menores, além de dificultar a competição no exterior”, avalia.

MAIS EDUCAÇÃO

Wilson Bricio, presidente da ZF América do Sul, voltou a bater em uma conhecida tecla: educação de qualidade – ou a falta dela no Brasil, que ocupa apenas a 60ª posição no ranking mundial que mede o nível educacional de vários países.

“Sem isso não temos condições de inovar e competir no mercado global, a produtividade não acontecerá”, disse em sua apresentação no mesmo painel de presidentes do Congresso SAE 2015.

Como resultado direto da carência de qualificação no Brasil, Bricio destacou o baixo número de engenheiros no País, de 1,49 por mil habitantes, enquanto nos Estados Unidos esse índice é de 4,42 e na Europa de 7,55. Além disso, apenas 54% dos engenheiros brasileiros trabalham na indústria.

“A retomada da competitividade no Brasil depende fundamentalmente do ambiente

favorável à inovação e incentivo à cooperação e aprendizado das melhores práticas internacionais, com fortalecimento das engenharias”, disse o executivo.

Bricio defendeu a adoção por maior número de empresas e administração pública da Agenda MEI, sigla para Mobilização Empresarial pela Inovação.

Entre as propostas dessa frente empresarial, estão a modernização do marco legal e facilitação do financiamento à inovação, criação de projetos estruturantes de pesquisa e desenvolvimento (P&D), internacionalização da indústria, atração de centros de P&D, fortalecimento dos departamentos de engenharia e estímulo a pequenas e médias empresas ou startups que tragam iniciativas inovadoras ao setor.

O discurso de alguns dos principais executivos do setor automotivo no Brasil pareceu bastante afinado com o tema do Congresso SAE proposto pela engenharia nacional.

Produtividade e tecnologia podem ajudar a tirar a indústria automotiva brasileira do buraco improdutivo em que foi se acomodando ao longo dos últimos anos de confortáveis vendas em alta.

A agudez da crise econômica pela qual passa o País no momento pode servir como processo de seleção natural para tirar do mercado que não tem eficiência para continuar vivo. Trata-se de complicada reengenharia.

Após escândalo de poluição ex-chefe da Volks é investigado por fraude

28/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo



Promotores alemães lançaram uma investigação nesta segunda-feira (28) sobre o ex-presidente da Volkswagen Martin Winterkorn a respeito da fraude nos testes de emissão de poluentes de veículos da companhia, ao passo que a montadora suspendeu três altos engenheiros em uma tentativa de contornar a crise.

Winterkorn, que renunciou na última quarta-feira após quase nove anos no comando da maior montadora europeia, está sendo investigado sob "alegações de fraude na venda de veículos com dados de emissão manipulados".

Em sua carta de renúncia, o ex-presidente da Volkswagen assumiu a responsabilidade pelas irregularidades, mas afirmou que não sabia dela até a eclosão do escândalo.

"Estou chocado com os eventos dos últimos dias. Acima de tudo, estou surpreso que uma conduta errada de tal escala tenha sido possível no Grupo Volkswagen", escreveu.

A Volkswagen, que já admitiu ter trapaceado nos testes de emissão de diesel nos Estados Unidos, está sob grande pressão para controlar o maior escândalo corporativo em seus 78 anos de história.

Na terça-feira, a empresa afirmou que alterou 11 milhões de carros pelo mundo.

A montadora nomeou o veterano na companhia Matthias Mueller na sexta-feira como novo presidente-executivo e concordou em apontar uma firma legal nos Estados Unidos para conduzir uma investigação completa.

Fontes familiarizadas com o tema disseram nesta segunda-feira que também foram suspensos os chefes de pesquisa e desenvolvimento da marca principal da Volkswagen, da divisão de luxo Audi e da fabricante de carros esportivos Porsche. Mas a crise não mostra sinais de estar passando.

Dois jornais alemães publicaram no domingo que a própria equipe da companhia e um de seus fornecedores alertaram anos atrás sobre o uso ilegal de tecnologia para detectar quando um carro estava sendo testado e alterar o consumo do seu motor a diesel para mascarar suas emissões tóxicas de óxidos de nitrogênio.

Com demissões, classe média recorre mais a trabalho autônomo

28/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo



Com o aumento das demissões (quase 1 milhão de vagas foram perdidas nos últimos 12 meses) e a dificuldade de conseguir um novo emprego com carteira assinada, o brasileiro está recorrendo cada vez mais ao trabalho por conta própria.

Em agosto, 19,8% da população ocupada se enquadrou nessa modalidade, o maior patamar desde dezembro de 2006, o equivalente a 4,5 milhões de trabalhadores. Um ano antes, essa participação era de 19%, e, em agosto de 2013, de 17,9%, segundo dados do IBGE das seis principais regiões metropolitanas.

Nos anos anteriores, o mercado de trabalho vivia um boom da carteira assinada, acompanhada de um avanço do rendimento do trabalhador, o que apoiou o período de crescimento da economia brasileira alavancado pelo consumo das famílias.

Esse cenário, com a recessão, acabou. "Estão acontecendo mudanças expressivas no mercado de trabalho. A forma de inserção está mudando", afirma Cimar Azeredo, coordenador de trabalho e rendimento do IBGE.

Essas mudanças se traduzem no funcionário da indústria de calçado que foi mandado embora e passou a consertar sapato em casa ou no engenheiro que também perdeu lugar e virou consultor.

Grande parte tem entre 25 e 49 anos, sustenta a família e não pode ficar parada em casa esperando uma nova oportunidade com carteira assinada. Ou seja, neste momento de crise, a renda é mais importante que benefícios como 13º salário e férias.

Muitos partem para atividades ligadas ao comércio, como a revenda de cosméticos ou alimentos, explica Azeredo, do IBGE.

RENDIMENTO

Outra face deste novo modelo de inserção no trabalho aparece na renda. Na média, o grupo dos que trabalham por conta própria tem sentido uma queda menor no rendimento real que os trabalhadores do setor privado com acesso aos direitos trabalhistas. Em agosto, os primeiros tiveram queda de 1,7%, metade da sentida pelos empregados com carteira assinada.

Renda do trabalho

A explicação, porém, não é necessariamente positiva. Um dos possíveis motivos é a entrada de pessoas com maior qualificação, como advogados e engenheiros, no grupo do conta própria, que levantaram a média dos rendimentos –ainda que esses profissionais possam estar ganhando menos que quando eram empregados.

Naercio Menezes Filho, do Insper, ressalva que "ainda é cedo para verificar uma transformação radical no mercado de trabalho". Melhores conclusões a respeito dos reflexos da atual desocupação ficarão mais claros a partir do ano que vem, diz.

Análise de perfil do investidor coíbe maus conselhos

28/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Além de simplificar as aplicações em fundos, outra regulamentação da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) pretende reduzir o risco de que os pequenos investidores sejam mal aconselhados na hora de escolher onde alocar suas economias.

Agora, os profissionais do mercado são obrigados a fazer a análise do perfil de quem tiver até R\$ 1 milhão para aplicar.

Fundos de investimento

Os investidores qualificados (acima de R\$ 1 milhão) e profissionais (cujas aplicações somam mais de R\$ 10 milhões) estarão livres da exigência a partir de outubro.

"Como o processo de educação financeira no país não é tão difundido como em países desenvolvidos, muitas instituições –principalmente bancos– acabavam empurrando produtos desalinhados com o perfil do cliente para bater metas", diz o planejador financeiro André Pantoja Albo.

A análise ganha importância em momento turbulento do mercado financeiro, que testa até mesmo investidores que pensavam ter apetite por risco.

"Estamos passando por uma crise séria e os últimos meses foram ruins para o investidor, principalmente porque os brasileiros são mais conservadores", diz Eduardo Levy, gestor da Rio Bravo.

"O perfil das pessoas pode mudar ao longo do tempo, e a análise ajuda a identificar essas movimentações. Quando ficam mais velhas, tendem a ser mais conservadoras, pelo medo de perder o patrimônio conquistado", diz Albo.

MENTIRAS

A avaliação do perfil do investidor será feita a partir de questionário já distribuído pelas corretoras e instituições financeiras.

A lista inclui, além de perguntas sobre idade e prazo durante o qual pretende manter a aplicação, questões sobre o objetivo do investimento e o momento de vida pelo qual passa o cliente.

"O gestor vai precisar entender a necessidade de liquidez do cliente e qual o grau de experiência que ele tem com investimentos de renda fixa e variável antes de indicar um produto", afirma Albo.

De acordo com o resultado do questionário, o cliente ficará impedido de comprar qualquer investimento que não esteja de acordo com o seu perfil de investidor.

Alguém classificado como conservador, por exemplo, só poderá comprar ações caso refaça o questionário.

Pela regra da CVM, que regula o mercado de capitais do país, a análise terá que ser atualizada no máximo a cada 24 meses.

Para Albo, embora ajudem a organizar uma prática que já era rotineira para algumas instituições do mercado, as regras podem tirar flexibilidade do investidor.

"O risco que a gente corre é de tentar rotular um cliente. Cada investidor tem a sua particularidade. Não se pode cair no erro de tentar classificar cada cliente como conservador, moderado ou agressivo. O mercado fica engessado", diz.

Explorando o futuro de mentes e máquinas – Parte 1

28/09/2015 – Fonte: Época Negócios



A relação entre mentes e máquinas está no centro da inovação. Sua história tem sido marcada por momentos críticos que mudaram a natureza do vínculo para sempre – muitos dos quais trouxeram rupturas fundamentais para nossa economia global. Por exemplo, basta pensar nas mudanças causadas pelo uso de ferramentas na agricultura ou pela Internet para apreciar a escala do impacto.

Hoje, estamos à beira de uma nova onda Schumpeteriana, caracterizada pela digitalização de nossas economias, nosso conhecimento e nossas vidas. O potencial transformador de tal transição pode ser tão radical quanto o das ondas anteriores de inovação, se não mais.

Essa transição também trará uma nova evolução nas relações entre mentes e máquinas. Estamos nos estágios iniciais dessa transformação. Do lado industrial, por exemplo, estamos construindo agora a infraestrutura que permitirá que a Internet Industrial alcance seu potencial pleno – as plataformas em nuvem como Predix são um exemplo recente dessa tendência.

Uma transição suave também exigirá que lidemos com as preocupações associadas à nova fase do relacionamento entre mentes e máquinas. Hoje em dia, ao mesmo tempo em que nossas mentes dependem muito mais das máquinas para serem produtivas, estas estão desenvolvendo uma mente própria.

Também estamos chegando a um ponto em que nossas mentes podem influenciar não apenas máquinas mecânicas, mas também máquinas biológicas (por exemplo, DNA e células).

Algumas preocupações associadas a essas tensões são muitas vezes antigas e exageradas (por exemplo, "a automação vai tirar nossos empregos"); outras são novas e dizem respeito à dinâmica de ponto crítico, como os argumentos de Stephen Hawking e de Elon Musk sobre a inteligência artificial ou sobre quão longe devemos ir com o aprimoramento humano. São questões complexas para as quais não existem respostas fáceis e que vão exigir uma análise cuidadosa se quisermos fazer uma transição bem-sucedida.

Com isso em mente, o *Caminhos para o Futuro* dedica a próxima semana para uma série de artigos que exploram a relação entre mentes e máquinas e o que isso pode significar para o futuro da nossa economia global.

Dando início a essa série, apresentamos uma discussão aprofundada com o Dr. Marco Annunziata, economista-chefe e diretor-executivo de Global Market Insights da GE, uma das poucas empresas que conseguiram atravessar e aproveitar as várias ondas de inovação disruptiva. Desde que ingressou na GE, o Dr. Annunziata tem dedicado especial atenção à inovação e à tecnologia e seu impacto econômico, inclusive como coautor de dois artigos sobre a Internet Industrial.

Nesta entrevista em duas partes, ele compartilha com o *Caminhos para o Futuro* seus pontos de vista sobre a história e o futuro de mentes e máquinas e como podemos nos preparar melhor para a próxima onda de inovação.

Vendo a história da relação entre mentes e máquinas, qual é, na sua opinião, o marco e em que ponto do processo de evolução nos encontramos atualmente?

A relação entre mentes e máquinas é, provavelmente, uma das características mais marcantes da evolução humana – ela é certamente uma das mais poderosas em termos de evolução da velocidade e forma de crescimento econômico.

Em minha opinião, o processo de evolução teve três fases fundamentais, sendo que a terceira está se desdobrando nos dias de hoje.

A **primeira fase** foi quando começamos a introduzir ferramentas mais poderosas para nos ajudar com a agricultura. Até então, a agricultura tinha sido o pilar do crescimento econômico para a humanidade; a introdução de ferramentas marcou uma mudança fundamental na relação entre mente e máquina.

A tecnologia pôde ser utilizada para reduzir a carga de trabalho. E, em grande parte, não era vista como algo com que se preocupar.

A **segunda fase** foi a Revolução Industrial e o início da introdução de máquinas mais poderosas na indústria, com sucessivas ondas de automação. Essa fase foi semelhante à primeira, no sentido de que estávamos novamente usando máquinas para aliviar algumas das tarefas mais difíceis e mais tediosas que os seres humanos estavam desempenhando.

Mas, enquanto a introdução de máquinas na agricultura foi importante, foi a Revolução Industrial que realmente deu início ao processo de crescimento da produtividade e, com isso, a melhorias exponenciais no crescimento econômico e nos padrões de vida.

Acredito que estamos agora na **terceira fase** desse processo evolutivo, aprendendo a usar máquinas para nos ajudar também nas áreas de inteligência e informação. Já não se trata mais da utilização de máquinas para nos aliviar de tarefas físicas que são muito difíceis ou tediosas.

Trata-se da utilização de máquinas para nos ajudar no lado intelectual e do controle, aproveitando-se do fato de que elas agora podem realizar um maior número de tarefas com maior precisão e maior velocidade.

Eu acho que essa fase irá se revelar igualmente perturbadora no sentido de que ela está abrindo uma dimensão completamente nova no relacionamento entre mentes e máquinas e, portanto, vai gerar outra explosão substancial de crescimento econômico acelerado.

Em comparação com as fases anteriores, o que você diria que é novidade no relacionamento atual entre mentes e máquinas? Estamos assistindo a alguma diferença importante em termos de como essas transições estão acontecendo?

Eu acho que o que é interessante é a maneira na qual a relação entre mente e máquina é repleta de contradições. Há sempre um elemento de esperança misturado com medo.

Gostamos de usar as máquinas e gostamos de usá-las para fazer coisas que não gostamos de fazer, mas ao mesmo tempo, temos esse medo instintivo de que as máquinas possam, de alguma forma, nos substituir, substituir os trabalhadores – e não trabalhar em nosso interesse.

Essas preocupações foram provavelmente menos importantes durante a primeira onda da evolução – a agricultura –, mas você vê isso de forma muito clara no caso da Revolução Industrial.

Mas, em ambos os casos, nenhuma comparação foi feita entre a mente e a máquina. A linha de separação entre os dois era muito clara.

O que está acontecendo agora com essa onda atual de evolução é que esta linha se torna, de certa forma, turva.

Com o desenvolvimento da mineração de big data, computação e finalmente inteligência artificial – e até certo ponto robótica – também estamos vendo a possibilidade de as máquinas assumirem uma série de tarefas intelectuais.

Veja meu caso. Eu sou economista, eu vejo dados econômicos globais, e agora você pode ter um supercomputador, máquinas que podem peneirar toneladas de dados econômicos e apresentar previsões econômicas para qualquer número de variáveis.

Então, de repente, você tem máquinas se expandindo para um reino diferente de atividade.

O que faz desta fase da evolução algo diferenciado e interessante é que isso está levantando questões mais interessantes e complexas sobre o que é que torna os seres humanos especiais.

Não é apenas uma pergunta filosófica, mas também econômica. Isso equivale a perguntar: "Qual é a melhor divisão do trabalho entre mentes e máquinas desta terceira fase da revolução, em que as máquinas podem assumir cada vez mais atividades inteligentes e intelectuais?".

Os luditas nunca tiveram de se preocupar com a singularidade da IA. Nós temos.

Se olharmos para os ciclos desse tipo no curto prazo, digamos 2030 ou 2050, que tipo de oportunidades econômicas industriais realistas esse novo relacionamento oferece?

Essa é uma pergunta muito boa. Eu acho que o potencial econômico desta nova fase tem sido subestimado, em parte porque estamos apenas no início desse processo e porque estamos saindo do processo de cicatrização após uma longa crise financeira e recessão globais.

Há este sentimento de pessimismo no mercado, com as pessoas pensando que o crescimento ainda é muito fraco e que não há muita oportunidade econômica industrial proveniente desta nova relação de mentes e máquinas.

Eu vejo isso de forma completamente diferente. Eu acho que assim que começarmos a fazer máquinas industriais e cadeias de abastecimento mais inteligentes por meio de dados e sensores, ganharemos uma economia mais eficiente e produtiva, levando a um maior crescimento econômico e mais empregos.

Estes ganhos de produtividade, em certo sentido, não são muito diferentes da onda anterior [Revolução Industrial], mas a diferença é que agora vamos ter um software para nos ajudar a prever quando e o que vai dar errado com qualquer peça de equipamento, onde intervir antes que uma interrupção ocorra, como se planejar e, assim, eliminar falhas ou interrupções na produção.

Porém, a característica mais poderosa desta nova onda de relações é o cérebro global. Este é provavelmente o lugar onde você encontrará interação e a cooperação mais próximas entre mentes e máquinas.

Isso acontece porque, além de ter humanos aproveitando o poder de computação das máquinas, agora também estamos aproveitando a capacidade que as máquinas têm de colocar seres humanos em contato uns com os outros.

Nos caso de desenvolvimento de software, isso vem acontecendo há algum tempo. Mas quando olhamos para a indústria, ainda estamos nos estágios iniciais. No entanto, essa capacidade é igualmente poderosa.

Acho que vamos ver uma grande aceleração nisso nos próximos 20 a 30 anos, com as empresas e os governos explorando como criar as estruturas de incentivos certas para as pessoas cooperarem de uma forma que premie a inovação aberta e que proteja a propriedade intelectual.

Por último, mas não menos importante, encontra-se o progresso em técnicas de manufatura avançadas. Esta é uma outra forma de evolução desta nova fase da interação entre mente e máquina, e ela tem um tipo diferente de poder.

Estas técnicas permitem que você – e por você, eu quero dizer o engenheiro, o cientista, o cérebro pensante da máquina – comece a descobrir produtos completamente novos que são inteligentes por causa do design, e não por terem sensores adicionados a eles.

Eu acho que essa é uma outra área onde veremos um enorme progresso nos próximos 20 anos.

De muitas maneiras, estamos apenas no início desta nova onda de inovação. Quanto tempo você acha que a transição vai levar para ser concluída? O que precisamos fazer para chegar lá?

A Revolução Industrial demorou de 100 a 150 anos para se desenrolar. Vai levar mais tempo para chegar ao ápice da atual onda de inovação porque esta evolução é muito mais complexa do que a Revolução Industrial.

Começamos décadas atrás com a criação de computadores, mas eu acredito que teremos que esperar outros 50 a 100 anos para chegarmos ao topo dessa onda. Isso não quer dizer que os próximos 5 ou 10 anos não verão nada significativo – eles verão – mas algumas das inovações que temos discutido, incluindo a impressão 3D e 4D, estão realmente no início em termos de aplicações interessantes. Este será um passeio longo e produtivo.

Em termos do que precisa acontecer para chegar lá, há coisas diferentes. A mais óbvia é investimento em infraestrutura – tanto física quanto digital. Entretanto, na minha opinião, será muito mais importante investir na educação.

Antes da crise, havia um sentimento generalizado, especialmente entre as economias avançadas, de que não importava o que se tivesse estudado, você teria um grande emprego, com excelente salário e ficaria nele o resto da vida.

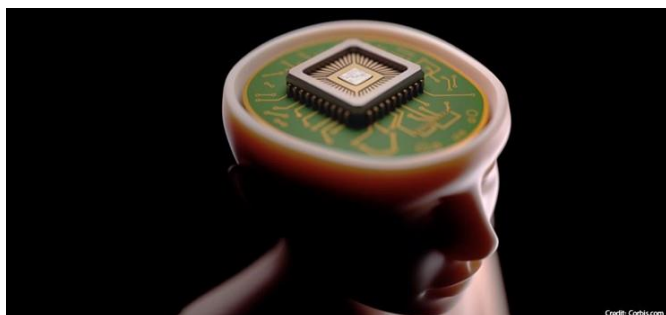
Conforme as máquinas se tornam mais poderosas no fronte da inteligência de dados de informação, fica cada vez mais claro que precisamos entender melhor quais competências os seres humanos precisam para terem a melhor compatibilidade possível com as máquinas.

Isto significa tanto aumentar o padrão nas qualificações de STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática, em inglês) como também direcionar os sistemas de educação para criatividade, flexibilidade e adaptabilidade.

Em outras palavras, para se dedicarem a esta nova fase de inovação, as mentes precisam vir antes das máquinas.

Explorando o futuro de mentes e máquinas – Parte 2

28/09/2015 – Fonte: Época Negócios



Fechando esta série em duas partes, apresentamos uma discussão aprofundada com o Dr. Marco Annunziata, economista-chefe e diretor-executivo de Global Market Insights na GE. Conversamos com o Dr. Annunziata sobre a história da relação entre mentes e máquinas e os primórdios da atual onda de inovação.

Na segunda parte desta entrevista, ele compartilha seus pontos de vista sobre como os países estão lidando com as mudanças tecnológicas da onda de inovação atual e como podemos nos preparar melhor para a próxima.

Será que essas necessidades de recursos significam que alguns países serão deixados para trás? Em caso afirmativo, o que pode ser feito?

Eu diria que, quase por definição, alguns países serão deixados para trás, pelo menos temporariamente. Haverá países que subestimarão a importância e o potencial dessa mudança – e eles não vão se mexer rápido o bastante. Como esta mudança tecnológica é tão poderosa, se eles acumularem atraso, pagarão um preço mais elevado para se recuperar.

Há um grande debate sobre essas inovações, se elas irão favorecer economias avançadas ou emergentes. Alguns argumentam que a vantagem estará diretamente do lado das economias avançadas. Eu não estou convencido.

Países como os EUA ou o Reino Unido, onde há um sistema universitário aberto a inovações e infraestrutura de pesquisa e desenvolvimento, estão realmente bem posicionados.

Mas também vejo economias avançadas que estão presas em um estado de espírito muito mais complacente, onde o pensamento é "somos avançados desde sempre, por isso vamos continuar avançados", a única grande pergunta para eles é como usar o orçamento do governo e o banco central para tornar a vida boa para os cidadãos.

Pode ser que esses países caiam muito rapidamente nos rankings. Os mercados emergentes mais dinâmicos e de mente mais aberta, por outro lado, podem ser muito mais rápidos em colher os benefícios da atual fase de inovação.

Outra dimensão interessante dessa interação mente-máquinas é que muito do que está acontecendo hoje permite que o indivíduo contorne a falta de infraestrutura ou a escassez de regulamentação. É possível, portanto, ver países onde a população como um todo é mais empreendedora e dinâmica (e está avançando mais rápido), mesmo que o governo não esteja favorecendo suficientemente a inovação e o desenvolvimento.

Você mencionou os EUA como líder potencial. A China, com o seu novo plano "Made in China 2025", também vai correr pelo primeiro lugar. Quais são as principais diferenças estratégicas que você vê na forma como estes dois países abordam a atual onda de inovação? Existe alguma perspectiva estratégica a ser obtida ao se comparar as duas abordagens?

Eu acho que há algumas boas ideias e elas se voltam para o papel da política. Quando você olha para as diferentes abordagens nos EUA e na China, os EUA estão praticamente distribuídos.

Há algum esforço nos laboratórios de pesquisa de ponta ou organizações governamentais para ir na direção certa. Há muitas iniciativas importantes, mas, fora isso, não há uma estratégia de governo completa e constante que defina a busca da atual onda de inovação como uma prioridade.

No caso da China, onde o sistema econômico é completamente diferente, há claramente um esforço muito estruturado e determinado por parte do governo para tornar a internet industrial uma prioridade no investimento.

A vantagem, no caso da China, está em seu tremendo foco na educação. Se você olhar para as estatísticas sobre o número de estudantes chineses que se formam em ciência e engenharia, é mais de 40% em comparação com os cerca de 15% nos EUA.

Pode-se discutir a qualidade da educação científica e de engenharia na China, mas uma diferença desse nível é bastante desconcertante. Se você acredita no que dissemos antes, sobre as habilidades e educação estarem no topo da lista de prioridades, acho que essa é uma observação interessante.

Outra ideia é a diferença na forma como estes países promovem a inovação. Na China, há um grande esforço para afastar gradualmente os seus recursos das empresas estatais de baixo desempenho e encaminhá-los para as empresas que podem inovar e avançar [estatal ou não]. Há também um grande esforço despendido na tentativa de criar áreas onde as empresas e os indivíduos podem experimentar.

Nos EUA, por outro lado, há a tática oposta. É tido como certo que há um monte de inovação e experimentação acontecendo, e passamos a maior parte do tempo, de uma perspectiva política, tentando descobrir a maneira certa de aproveitar e refinar isso.

Eu diria que a visão mais interessante da comparação entre as duas abordagens é a observação de que a inovação nunca para. Como país, você nunca deve pensar que você será capaz de produzir inovação e atividade suficientes. Você deve sempre pensar em termos de: "Como faço para estimular mais disto?".

Passar por esta nova onda de inovação nos obrigará a fazer escolhas sobre a forma como interagimos com as máquinas, algumas das quais podem ser difíceis e/ou irreversíveis. Para quais pontos crítico você acha que devemos prestar mais atenção se quisermos surfar essa onda de inovação com sucesso?

Quando você começa a pensar em termos de pontos críticos e da relação do homem e máquinas, acho que a área mais promissora e sensível será a saúde.

Por exemplo, conforme progredimos na utilização das novas ondas de tecnologia para gerar melhores resultados de saúde, vamos inevitavelmente nos deparar com novas formas de aumentar as capacidades humanas.

Um ponto crítico aqui é saber se vamos ou não chegar a um ponto em que as preocupações sobre a manipulação artificial das capacidades humanas se tornarão tão fortes que obrigarão os políticos e as empresas a reverterem a pesquisa.

Este será um momento crítico e, em certo sentido, é o outro lado da linha embaçada (onde as mentes se assemelham mais às máquinas).

Ao pensar sobre essas tendências de longo prazo, para tentar entender o que está acontecendo para moldá-las e qual a melhor forma de responder à mudança, quais são os dois livros que você consulta regularmente em busca de ideias e por quê?

Eu tenho os dois na minha frente. O livro número um que eu abro é "Eu, Robô", de Isaac Asimov. Eu o abro porque, quando se fala de grandes inovações, fico impressionado pelo fato de que a forma como reagimos é limitada pelo fato de que a natureza humana não mudou muito.

Eu volto a esse livro porque as histórias do Asimov englobam a interação entre a natureza humana imutável e essas imensas inovações. Eu acho que você precisa entender ambas e manter as duas em mente se quiser entender como essa interação entre mentes e máquinas vai se desenrolar.

O outro livro é "Os inovadores" de Walter Isaacson, que considero fascinante. É uma ótima forma de se lembrar do que orienta o processo de inovação em termos de mentalidade dos inovadores – o que os leva a uma determinada direção – e como isso interage com a criação de empresas e modelos de negócios. É muito útil para pensar sobre as implicações econômicas e empresariais de todas as inovações tecnológicas que estamos vendo ao nosso redor hoje.

Quando a Internet industrial se tornar o padrão, de onde virá a próxima interrupção?

Eu acho que a próxima onda depois desta é onde damos o salto em termos de verdadeira criatividade.

Enquanto a onda que estamos discutindo agora terá enormes implicações econômicas de uma forma positiva, ela vai fazer muito pouco para reduzir as tensões econômicas entre ou dentro dos países.

Porém, se ela der certo, terá criado tanta capacidade em termos de produção e de criação de riqueza que o foco mudará para

"Como melhorar as instituições de uma maneira global? Como criar uma situação em que a riqueza criada pelas novas tecnologias possa ser transmitida de uma maneira que seja mais sustentável e também consistente com incentivos econômicos?."

Indústria de alumínio vive pior fase em 30 anos

28/09/2015 – Fonte: EM.com

O alto custo da energia elétrica e a competição maior de importação chinesa ameaçam as indústrias nacionais de alumínio. Segundo Milton Rego, presidente da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), o setor vive seu pior cenário dos últimos 30 anos.

"Estamos no limite da sobrevivência. Se essa situação não mudar logo, em até dois anos podemos chegar ao ponto de não ter mais uma indústria sequer de alumínio no País", disse ao jornal o Estado de São Paulo.

O Brasil possui a terceira maior reserva mundial de bauxita, minério usado na produção do alumínio. No centro dessa crise está o elo mais sensível da cadeia: os produtores do "alumínio primário", que é matéria-prima usada para fabricar carros e suprimentos da construção civil, por exemplo.

Até 2011, havia sete grandes produtores de alumínio no País. De lá para cá, ano após ano, uma grande fábrica fechou suas portas. O mais recente episódio foi em março, quando a Alcoa, uma das maiores produtoras mundiais, anunciou a demissão de 650 funcionários em sua unidade de São Luís (MA), e encerrou a produção do alumínio primário no País.

Hoje, aos trancos e barrancos, essa produção é tocada pela Albras, empresa da companhia norueguesa Norsk Hydro, que atua em Barcarena (PA), e pelo Grupo Votorantim, que está no município de Alumínio, interior de São Paulo.

Pico

Depois de atingir um pico de produção de 1.661 toneladas de alumínio primário em 2008, o setor passou a experimentar uma queda constante na fabricação do metal, até chegar às 962 toneladas entregues no ano passado. Para este ano, o que se espera é uma situação ainda pior, com apenas 780 toneladas produzidas, mesmo volume que o Brasil entregava em 1985.

A indústria nacional emprega cerca de 150 mil pessoas e fatura aproximadamente R\$ 40 bilhões por ano. De janeiro para cá, 15 mil pessoas foram demitidas. "Começamos este ano prevendo uma queda de 3% na produção nacional. Agora essa redução mais que dobrou e está estimada em pelo menos 7%", diz Milton Rego.

O preço da energia e seu peso crescente na produção do alumínio é apontado como o principal vilão da indústria. Em 2008, a conta de luz respondia por 43% dos gastos operacionais para produzir o alumínio primário.

Desde então essa participação só cresceu. Hoje, de cada R\$ 100 injetados na produção de alumínio, pelos menos R\$ 60 são destinados à conta de energia.

"Isso é insustentável. O governo diz que está sensível a nossa situação, mas na realidade não tem feito nada", afirma o presidente da Abal.

Apesar do drama na indústria, o consumo nacional de alumínio tem crescido, em média, 5% ao ano, e hoje chega a 1,4 milhão de toneladas. Apesar de parte dessa demanda ser atendida por alumínio "secundário", resultado de reciclagem, uma boa parcela já é suprida por importação.

Desde o ano passado, segundo informações da Abal, o Brasil passou a ser mais importador de alumínio primário, em vez de exportador.

O saldo negativo na balança comercial foi de US\$ 643 milhões em 2014. Neste ano, esse desequilíbrio vai passar de US\$ 1 bilhão, podendo atingir o dobro de 2014.

No longo prazo, a previsão do setor é de que a demanda por alumínio primário chegue a 3,2 milhões de toneladas em 2025. Dadas as condições atuais, porém, a produção nacional atravessaria esta década com a previsão de entregar cerca de 600 toneladas por ano.

A situação não é desconhecida do governo. No plano decenal de energia, documento do Ministério de Minas e Energia que orienta as prioridades do segmento para os próximos dez anos, é reconhecido que "nesse horizonte, o Brasil deverá se consolidar como um importante exportador de alumina, insumo intermediário para a obtenção do alumínio primário", enquanto este último deverá ter a sua importação ampliada.

Minério de ferro recua na China com menor demanda de siderúrgicas

28/09/2015 – Fonte: R7

Os preços do minério de ferro no mercado à vista da China recuaram nesta segunda-feira com siderúrgicas do maior consumidor mundial da matéria-prima reduzindo compras na expectativa de um enfraquecimento ainda maior na demanda por aço.

O minério com entrega imediata no porto de Tianjin caiu 0,36 por cento nesta segunda, para 56 dólares por tonelada, segundo o The Steel Index.

Já o contrato futuro mais ativo do minério de ferro na bolsa de Dalian chegou a cair mais de 3 por cento, para 366,5 iuanes por tonelada, o menor valor desde 27 de agosto.

Algumas siderúrgicas chinesas estão registrando perdas de até 600 iuanes (94,21 dólares) por tonelada de aço e enfrentando redução na liquidez em meio a uma desaceleração da economia que continua a prejudicar a demanda por commodities industriais, segundo fontes da indústria.

"Há grande expectativa de que mais siderúrgicas irão reduzir a produção nos próximos meses como resultado da redução da liquidez e do encolhimento da demanda", disse o analista Xia Junyan, da Everbright Futures, em Xangai.

Servidores do Detran anunciam paralisação para próxima quarta-feira

28/09/2015 – Fonte: R7

Os servidores do Detran decidiram por mais uma paralisação de 24h, desta vez na próxima quarta-feira (30).

De acordo com o Sindetran, essa é a primeira de uma série de paralisações que ocorrerá até que providências sejam tomadas quanto as irregularidades encontradas nos setores de atendimento.

Ainda segundo o Sindicato, a categoria exige a exoneração de dois servidores, que teriam infringido as leis que regem a administração pública.

O Sindicato também informou que após denúncia, foi protocolado pedido de explicações e punições aos envolvidos, mas a funcionária acabou sendo nomeada como chefe de setor, o que para categoria foi uma bonificação não penalização pelo ocorrido.

OSG Sulamericana prevê alta no faturamento em 2015

28/09/2015 – Fonte: Usinagem Brasil

A OSG Sulamericana é uma das raras empresas do setor de ferramentas brasileiro que não prevê queda em 2015. Ao contrário, a empresa trabalha com a expectativa de fechar o atual exercício com alta no faturamento, graças principalmente ao aumento das exportações para o mercado norte-americano. Existem, inclusive, planos de investimento na fábrica para atender segmentos específicos de mercado interno.

“Nós estamos em crescimento e esperamos fechar 2015 com lucro”, afirma Yuji Konda, gerente Comercial da OSG Sulamericana. O gerente reconhece que esse resultado não seria possível sem as exportações, pois a crise está afetando boa parte de seus clientes, em especial os do setor automotivo, alguns deles operando com apenas 60% da capacidade.

Konda explica que, diante das análises de que o ritmo atual das vendas ao setor automotivo deve se estender até o final de 2016, a empresa tem adotado ações no sentido de fortalecer a rede de distribuição e a presença nos demais segmentos de mercado.

Entre eles, a criação de uma equipe comercial para atender o mercado de energia eólica, além de reforçar as ações voltadas ao segmento aeroespacial.

Quanto à distribuição, segmento mais afetado pela retração do mercado, a OSG desenvolveu um programa de distribuidores Premium.

O programa envolve particularmente a maior capacitação técnica dessas empresas, para que pudessem trabalhar também com ferramentas de alta performance da OSG.

Investimento - Milton Saito, diretor de Produção e Administrativo da OSG Sulamericana, informa que hoje a produção de ferramentas na linha standard hoje é 50% voltada para a exportação, cerca de 95% para os Estados Unidos – anteriormente apenas 30% da tinha o mercado externo como destino.

Outro dado positivo é que, com a desvalorização cambial, a operação tornou-se mais lucrativa.

Assim, desde que a empresa conseguiu recuperar-se em 2012 da crise anterior (a de 2009), não foram necessários ajustes. Ao contrário, a empresa tem realizados investimentos para ampliação e modernização, como a instalação da célula de revestimentos de ferramentas.

“Para 2016, estamos planejando ampliar o leque de coberturas, além de novas máquinas para nacionalizar a produção da linha de machos A-Tap, até aqui importada do Japão, e de ferramentas de alta performance”, informa.